VIVER SEM TEMOR

KRISHNAMURTI

Obras já editadas pela

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

do mesmo Autor:

AS ILUSÕES DA MENTE
A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA
PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE
O PROBLEMA DA REVOLUÇÃO TOTAL
AUTOCONHECIMENTO - BASE DA SABEDORIA.
PERCEPÇÃO CRIADORA
PODER E REALIZAÇÃO
CLARIDADE NA AÇÃO
NOSSO ÚNICO PROBLEMA.
A RENOVAÇÃO DA MENTE.
QUE ESTAMOS BUSCANDO?
NOVO ACESSO À VIDA.
NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO.
A ARTE DA LIBERTAÇÃO.
DA INSATISFAÇÃO À FELICIDADE
VIVER SEM CONFUSÃO.
PORQUE NÃO TE SATISFAZ A VIDA?
A CONQUISTA DA SERENIDADE
NÓS SOMOS O PROBLEMA.
SOLUÇÃO PARA OS NOSSOS CONFLITOS.
O CAMINHO DA VIDA.
QUE TE FARÁ FELIZ?
UMA NOVA MANEIRA DE VIVER.
O EGOISMO E O PROBLEMA DA PAZ
A FINALIDADE DA VIDA.
QUE O ENTENDIMENTO SEJA LEI.
AUTOCONHECIMENTO, CORRETO PENSAR, FELICIDADE
A LUTA DO HOMEM.
O MÊDO (2.a ed.).
A BUSCA (poema).
AUCKLAND, 1934.
OJAI E SAROBIA.
ADYAR, INDIA, 1933/34.
ACAMPAMENTO EM OMMEN, 1937/38.
ITALIA E NORUEGA, 1933.
NOVA IORQUE, EDDINGTON E MADRASTA, 1937
PALESTRAS EM OMMEN, 1936.
PALESTRAS EM OJAI, CALIFÓRNIA, 1936.
PALESTRAS NO CHILE E NO MÉXICO, 1935.
PALESTRAS NO URUGUAI E ARGENTINA, 1935
PALESTRAS NO BRASIL, 1935.

Krishnamurti — viver sem temor

VIVER SEM TEMOR

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em Nova York em 1954).

J. KRISHNAMURTI

VIVER SEM TEMOR

TRADUÇÃO DE

HUGO VELOSO

Editado pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Presidente Vargas, 418, sala 809
RIO DE JANEIRO
BRASIL
1959

— I —

ACHO importante que cada um de nós não fique meramente escutando palavras, mas que vá ao mesmo tempo **experimentando** realmente as coisas sôbre que vamos discorrendo; e, também, as palavras devem exprimir a sua verdadeira significação, sem resistência da nossa parte. Em geral, ouvimos uma conferência e nos vamos, sem termos experimentado diretamente o que se disse; e seria uma lástima se estivésseis simplesmente escutando, sem **experimentar.** Mas, se pudermos sentir realmente, como **experiência,** o que estamos ouvindo, é provável então que se realize aquela transformação essencial, tão evidentemente necessária nesta época de crise mundial.

Não creio em idéias, porque as idéias podem ser enfrentadas com outras idéias, resultando daí mera argumentação, refutação, ou aceitação. Se estamos apenas a escutar idéias, a acumular novas formas de conhecimento, ou a adquirir uma determinada capacidade técnica, estamos, com efeito, cuidando de coisas sem nenhuma eficácia para enfrentar a vida. O que é necessário, ao meu ver, é que sejamos capazes de viver neste mundo insano e confuso, com confiança, com clareza e simplicidade, enfrentando a vida tal como se nos apresenta, sem nenhum pensamento relativo ao amanhã. Isto é dificílimo, pois, nós, em geral vivemos num mundo de idéias — e as idéias são conhecimento, experiência, tradição. São-nos as idéias

sumamente importantes, guiando-nos a vida, moldando-nos o pensar e a ação futura, e por isso nunca vivemos uma vida completa, porque o passado está sempre a projetar sôbre nós a sua sombra. Ora, sem dúvida, o importante não é que se opere uma mudança em que seja continuado, sob forma diferente, o que já existe; mas, sim, que se opere uma revolução total do nosso pensar, o que significa que devemos abandonar as coisas que conhecemos, para ficarmos em estado de correspondência com o desconhecido.

A mim, me parece, quase todos nos achamos numa confusão extrema, porque estamos rodeados de tantas idéias novas, tantas influências, tantos instrutores a nos dizerem o que devemos fazer, o padrão de vida, a filosofia, a doutrina que devemos seguir; ou, quando tudo isso não produz os resultados desejados, retornamos ao velho, ao tradicional. Dentre essa multidão de influências e idéias contraditórias e confusas, somos forçados a escolher e seguir o que pensamos ser a Verdade; mas na própria ação de seguirmos o que consideramos ser a Verdade, há também confusão. Se considerarmos as nossas vidas com muita atenção e seriedade, veremos que estamos confusos. Acho muito importante começarmos daí, e não que busquemos a claridade. A mente confusa não pode achar a claridade, porque tudo o que ela encontrar será também confuso.

Afinal, vós e eu estamos interessados em descobrir o que é verdadeiro, e êsse descobrimento pode produzir uma revolução, uma libertação no nosso pensar, no nosso ser; mas não pode realizar-se êsse descobrimento, essa libertação, enquanto não soubermos o que realmente somos — não o que desejamos ser, mas **o que é**. É-nos dificílimo, à maioria de nós, aceitar **o que é**, ver o que de fato somos. Desejamos modificar o que somos, e com

êsse desejo, com êsse impulso, nos pomos a considerar o estado relativo ao que somos. Por isso, nunca vemos o que realmente somos.

Penso ser esta a verdadeira base para a revolução ou o descobrimento do que é verdadeiro: sabermos exatamente o que somos, conhecermos verdadeiramente **o que é**, sem nenhuma modificação, julgamento, nenhuma tentativa para alterá-lo ou moldá-lo. **O que é** não é um estado permanente, e, sim, um movimento constante, pois nunca somos os mesmos de momento em momento, e para se descobrir o que é verdadeiro, é essencial percebermos o que somos de momento em momento.

É importante, pois, percebermos o que somos, não achais? E, se observarmos bem, veremos que somos entes humanos confusos. Somos infelizes. Estamos presos nas rêdes de inumeráveis crenças e experiências. Andamos sempre à procura de alguma autoridade, para que ela nos indique a direção correta, a ação correta, que nos levará à realização futura de alguma esperança, alguma felicidade, alguma tranqüilidade. Se estamos confusos, a própria busca com o fim de acharmos a Realidade, a Verdade, a felicidade, a luz, só nos levará a uma confusão maior. Êste é um evidente fato psicológico, não? Se minha mente está confusa, qualquer ação, qualquer decisão, qualquer livro, qualquer instrutor que eu siga ou qualquer disciplina que imponha a mim mesmo, estará sempre dentro da esfera da confusão. Isto é dificílimo de aceitar, para a maioria de nós. Vendo-me confuso, digo: "Se eu encontrar o verdadeiro instrutor, o verdadeiro método, a verdadeira disciplina; se eu compreender — isso me ajudará a evolver, crescer, mudar, transformar". A mente confusa, porém, qualquer que seja a sua ação, há de estar sempre confusa. Tôda decisão que tomar estará ainda na área da confusão. Sendo êsse estado de confusão, a

realidade, o fato real, creio não devemos meramente reconhecê-lo intelectual ou verbalmente, mas, sim, **experimentar** realmente o estado de confusão, e daí prosseguirmos, observando o inteiro "processo" pelo qual a mente que está em confusão busca socorro.

Afinal, esta é a razão por que a maioria de vós aqui estai, não é verdade? Os mais de vós estais aqui, porque desejais ser ensinados, ou estimulados, ou para ver confirmadas as vossas próprias experiências pessoais. Quereis ser ajudados. Talvez outros Mestres, outros livros, outros filósofos não tenham correspondido às vossas expectativas, e por isso recorreis a uma nova pessoa; mas essa mente que está buscando, é ainda a mesma mente confusa, e a mente que está confusa jamais pode compreender o que se lhe põe à frente. Ela traduzirá tudo o que vê de acôrdo com as suas idiossincrasias, seu especial padrão de pensamento, ou suas próprias experiências. Por conseguinte, é incapaz da verdadeira percepção.

Seja-me, pois, permitido lembrar quanto é importante saber **escutar**. São incapazes as nossas mentes de escutar, porque estão sempre traduzindo, justificando, condenando, aceitando ou rejeitando alguma coisa. Ora, qualquer atividade de tal ordem não é **escutar**. Se observardes vossa mente — o que espero façais, durante as palestras que vamos realizar aqui — vereis quanto é difícil escutar. Vossos conhecimentos, vossas experiências, vossos preconceitos, vossas apreensões pelo que chamais "o padrão de vida americano", vosso mêdo ao comunismo, etc. — tudo isso vos está impedindo de **escutar** não só ao que digo, mas também às coisas da vida. O que importa é que **escuteis** pela maneira correta, não só a mim mas a tôdas as coisas, porque a vida é tudo e se acha num movimento constante. Se **escutais** parcialmente, com um determinado preconceito ou tendência, se escutais como capitalista, comunista, so-

cialista, ou membro de alguma religião, ou sabe Deus o que mais, então, evidentemente, só estais **escutando** o que desejais escutar e, por conseguinte, não há libertação, não há compreensão do novo, o rompimento de tôdas as cadeias, a revolução completa, que se mostra tão essencial. Sem dúvida, só quando a mente se acha num estado de correspondência com o desconhecido, pode haver a ação criadora da Realidade; entretanto, a mente que está sempre prêsa no campo do conhecido, não tem nenhuma possibilidade de transformar-se, de operar a própria transformação e descobrir, assim, um novo significado da vida.

Não é, pois, importante que, desde o comêço, nestas nossas palestras, saibamos escutar? Creio, o problema fica resolvido inteiramente, quando sabemos escutar, não só ao que se está dizendo, mas a tôdas as sugestões, todos os impulsos inconscientes, tôdas as influências, as palavras do amigo, da esposa, do marido, do político, do jornal. Se sabeis **escutar**, êsse escutar é então, em si, uma ação completa. Acho importante compreender isso, e por essa razão me permito frisar êste ponto, pois não vou oferecer-vos idéias novas. As idéias não são importantes, absolutamente. Pode-se ter idéias novas, ou escutar algo nunca ouvido antes; o importante, porém, é a maneira de escutar, não só a idéias ou algo novo, mas a tôdas as coisas, pois, quando sabemos escutar, êsse próprio ato de escutar é uma libertação.

Se realmente experimentardes o que estou dizendo, descobrireis por vós mesmos a verdade respectiva. A mente que é capaz de escutar sem traduzir, sem interpor suas próprias idéias, experiências, conhecimentos ou desejos, é, sem dúvida, uma mente tranqüila, uma mente serena. Só quando a mente está tranqüila o novo pode verificar-se, sendo o novo o Eterno, ou que nome lhe queirais dar — o que é sem importância. Como sabeis, porém, nós, em geral,

temos inumeráveis idéias, desejos e ânsias, e por esta razão nunca há um momento em que a mente esteja realmente tranqüila.

Parece-me, por conseguinte, que, o que mais importa em tôdas as palestras que se vão realizar aqui, neste e no próximo "fim de semana", é que se saiba a arte de escutar, e só sereis conhecedores dessa arte na observação das vossas reações ao que se diz; pois tereis reações, não podeis deixar de tê-las. A mente deve conhecer as suas reações e ao mesmo tempo ser capaz de ultrapassá-las, para que elas não constituam empecilho a novos descobrimentos.

Como estamos confusos, desejamos, os mais de nós, achar uma saída desta confusão. Apelamos para os livros, apelamos para os líderes, procuramos uma autoridade política ou religiosa, ou a autoridade de um especialista qualquer, para ajudar-nos a clarificar o pensamento. Não é isso o que cada um de nós está tentando fazer? Queremos encontrar alguém que nos ajude a sair da confusão, da frustração, do sofrimento e agitação, e por isso procuramos a autoridade. Mas, não é justamente essa autoridade a causa da nossa confusão? E não é importante que nos emancipemos de tôda e qualquer autoridade? Afinal de contas, a mente busca a autoridade, sob diferentes formas, com o fim de se pôr em segurança. É o que queremos: encontrar um refúgio, onde estejamos em segurança, onde não sejamos perturbados; porque, para a maioria de nós o pensar é uma coisa dolorosa e tôda ação traz a sua respectiva confusão, seu sofrimento respectivo. Sabedores disso, cônscios disso, procuramos a autoridade, para termos proteção. Pode não ser a autoridade de uma pessoa, mas a autoridade de uma idéia.

Dái atenção a isso; não o rejeiteis. Podeis perguntar: "a autoridade do policial, a autoridade do Govêrno etc.,

não são coisas essenciais?" — mas, se compreendermos o verdadeiro significado da criação da autoridade, como se gera a autoridade em cada um de nós, compreenderemos a autoridade em tôdas as suas minúcias, e ficaremos livres dela.

Ora bem, o mundo se está fracionando em autoridades de vária espécie, da esquerda e da direita, em vários grupos políticos opressivos, todos apoiados na sanção de algum livro, algum instrutor, alguma idéia. E é possível a cada um de nós libertar-se de qualquer espécie de autoridade, não só da autoridade externa mas também da autoridade interna da experiência, do saber? Pode-se descobrir o que é verdadeiro, sem ser através de outra pessoa, mas diretamente por nós mesmos, de modo que não haja mais mestres nem discípulos? Parece-me que isso é que é necessário, não só atualmente, mas em todos os tempos.

Se a mente está em busca de uma segurança qualquer, oferecida por um líder, uma determinada maneira de viver, uma determinada nacionalidade ou grupo, essa mente só pode criar confusão no mundo, e mais sofrimentos, conforme se está vendo na hora atual. Importa, pois, cada um de nós descubra, por si mesmo, **o que é**, mediante o abandono da autoridade, o que é extremamente difícil; e a percepção do **que é**, o descobrimento do **que é**, será o processo libertador. Como sabeis, porém, quase todos nós temos mêdo de ficar desprotegidos, completamente sós, e por isso cada um se esquiva a ser um ente emancipado, capaz de descobrir as coisas por si mesmo.

Se não fôr bem compreendido isso, acho que saireis daqui desiludidos, porque o que digo não é novo: novo será o vosso descobrimento das coisas a que estou aludindo. Não é importante estabelecer-se uma nova maneira de pensar? Não é importante que descubrais por vós mesmos a maneira de viver neste mundo agressivo,

brutal e extraordinàriamente confuso? E pode alguém ensinar-vos a viver, mostrar-vos o padrão de ação que deveis adotar, ou o líder ou grupo que deveis seguir, a crença que deveis abraçar? Tôdas estas coisas são infantis em extremo, quando nos achamos em presença desta crise sem precedentes. Esta crise foi provocada pelos líderes e fomos nós que criamos os líderes — sendo os líderes a materialização de uma determinada idéia ou crença, religiosa ou econômica.

Não achais, pois, que muito importa a cada um de nós libertar a sua mente, de todo, da idéia da autoridade? — o que significa, realmente, se penetrarmos bem, libertá-la do seu aprêço ao saber, de modo que nossa mente seja nova, fresca, e possa funcionar de maneira completamente nova.

Ora, confiamos demais no saber. O homem que escreve um livro sôbre a mente ou que disserta a respeito da mente, aceitamo-lo como autoridade. Damos um nome ao seu pensamento, e o esposamos. Nunca nos pomos a investigar o inteiro processo do nosso pensar, para o descobrirmos por nós mesmos. E é por isso que temos tantos líderes, cada um fazendo valer a sua autoridade, e nos dominando. E pode alguém lançar fora tudo isso e descobrir as coisas por si mesmo? Porque, é bem de ver, o saber é um obstáculo à compreensão. Se um homem deseja construir uma ponte, para isso êle necessita, naturalmente, de saber, necessita de uma certa capacidade técnica. Mas, pode-se ter de antemão o conhecimento, isto é, a compreensão, de uma coisa viva? O que chamais "eu" é uma coisa viva, da qual não se pode ter conhecimento prévio. Pode-se ter experiências a êle relativas, ou conhecer o que outros disseram a seu respeito, mas se um de nós se põe a examinar a si mesmo, com um conhecimento prévio, nunca descobrirá o que é realmente.

Quem tem inclinações religiosas, diz: "eu sou o Eterno, sou filho de Deus" etc.; e quem não as tem, assegura que o "eu" é apenas o resultado da natureza ambiente.

Sempre nos aplicamos a uma coisa armados de saber, armados de conclusões já formadas, e com êsses padrões de pensamento atravessamos a existência; o saber, por conseguinte, se torna um obstáculo ao descobrimento da Verdade. Se desejo conhecer a verdade a respeito de mim mesmo, tenho de descobrir a mim mesmo, a cada minuto, exatamente como sou, e não como fui ou como desejo ser. Prestai atenção a isto, porque se anda escrevendo livros e mais livros, conferências e mais conferências se realizam, e o resultado é que tudo isso, e mais o rádio, a televisão, os jornais, os discursos políticos, os instrutores — tudo vos está condicionando, moldando por um certo padrão, e com êsse condicionamento quereis descobrir o que é verdadeiro. Condicionamento é conhecimento, tradição, o que já foi, o passado, tanto o passado de ontem como o passado de há mil anos. Tal é a nossa mente, e com esta mente queremos descobrir o que é verdadeiro. Ora, para se descobrir o que é verdadeiro, temos de estar livres de condicionamento, nosso condicionamento de americanos ou russos, católicos ou protestantes, artistas ou poetas; temos de estar livres do condicionamento inerente a uma determinada capacidade, porquanto a identificação com uma capacidade produz orgulho.

Assim, pois, a mente que quer descobrir o que é verdadeiro, tem de estar livre do saber. Se observardes, porém, vereis que vossa mente está sempre a acumular conhecimentos, a armazenar conhecimentos; tôda experiência se torna mais um refôrço ao saber. Nossas mentes nunca estão livres, para serem tranqüilas, porque estão repletas de conhecimentos, de saber. Sabemos demais, mas em verdade nada sabemos sôbre coisa alguma, e com

essa imensa carga às costas, queremos ser livres. Mas o fato é que não estamos cônscios disso; e se nos tornamos cônscios, resistimos, por acharmos que o saber é essencial à libertação. Ora, por certo, o saber é um empecilho, um obstáculo ao descobrimento do que é verdadeiro. A Verdade tem de ser uma coisa viva, totalmente nova a cada segundo, e como pode a mente que acumula saber, conhecimentos, compreender o que é desconhecido? Chamai-o Deus, chamai-o a Verdade, ou como quiserdes — mas não podeis procurar o desconhecido, porque se o procurais, isso significa que já o conheceis; e conhecê-lo é negá-lo.

Prestai atenção a tudo isso. Tôdas as religiões se baseiam na idéia do saber, do experimentar, do crer, e, assim, desde a meninice somos condicionados para crer. Já temos conhecimento prévio, e adoramos isso que já conhecemos. Sempre nos assusta o desconhecido. O desconhecido pode ser a morte, pode ser o amanhã. A mente que está "vivendo com o conhecido" nunca pode achar-se num estado de revolução, jamais pode produzir aquêle estado que a torna acessível à Verdade.

Nossa principal incumbência, pois, não é a de procurarmos Deus ou a Verdade, porquanto quando o procuramos já o destruimos. **Procuramos** uma coisa que desejamos, uma coisa que nos dê prazer e satisfação — o que, com efeito, significa a "projeção" dos nossos desejos no futuro. Projetamos o nosso próprio passado no amanhã, e no amanhã estamos adorando o passado.

Se desejais realmente compreender o que digo, **escutai-o** sem fazer esfôrço para libertar a mente do passado; **escutai-o**, simplesmente, e vêde como a mente é o resultado do passado, não só a mente consciente, mas também a inconsciente, a mente que está sempre a funcionar, quer estejamos acordados, quer estejamos dormindo. As muitas camadas do inconsciente, os ocultos temores, im-

pulsos, "motivos", obstáculos — tudo isso é resultado do passado, como o é a mente consciente, que luta com o imediato.

Se, quando escutais tudo isso, fazeis algum esfôrço, isto é ainda resultado do conhecido. Quase todos nós vivemos pela ação da vontade, não é exato? Para nós, a vontade é muito importante, isto é, a vontade de ser ou de "vir a ser". A vontade de "vir a ser", de ser, é ação do conhecido, não é verdade? Por conseguinte, a ação da vontade não pode encontrar nunca o que é real. Notai que todo conhecimento, tôda experiência fortalece a vontade, o conhecido, o "eu", o "ego", e que essa vontade, êsse "eu" nunca pode perceber claramente o que é verdadeiro, jamais achar Deus, por mais que o tente, porque o seu Deus é o conhecido. Só quando o espírito se encontra num estado de correspondência com o desconhecido, só então há a possibilidade de criação, que é a Verdade.

Não estamos falando a respeito de ajustamento a um dado padrão de pensamento, aceitação de uma dada crença, ou adesão a um determinado grupo, mas sim de uma revolução total, que só é possível quando a mente se acha inteiramente tranqüila. Vem essa revolução quando compreendemos o "modo de ser" do "eu". Só com o autoconhecimento pode vir a verdadeira tranqüilidade da mente. Sem o autoconhecimento, a tranqüilidade da mente é pura ilusão, uma conveniência, uma coisa arranjada pela mente, para sua própria segurança. E numa tranqüilidade dessa ordem, nunca é a mente capaz de perceber, de conhecer ou receber o desconhecido.

Nessas condições, como iremos discorrer sôbre estas coisas durante as palestras vindouras, o que é sempre importante é saber **escutar**; e não podeis escutar se se estabelecer uma discussão entre vós e mim. Se pertenceis a alguma sociedade, algum grupo, alguma religião, se

aceitais alguma crença, sois incapazes de escutar, pois a vossa mente já está condicionada. A mente condicionada não pode escutar; não é livre para escutar. Mas se fôrdes capazes de escutar de maneira total, creio se verificará então uma revolução fundamental, não produzida por nenhuma ação do "eu", a qual por conseguinte será uma verdadeira transformação. Êste é o nosso único problema: como operar uma completa transformação em nós mesmos, e não mero ajustamento a uma determinada sociedade, o que é infantil. É falta de madureza desejarmos ajustar-nos a uma determinada sociedade, porque a sociedade é criada por influências ambientes e o simples ajustar-se a um determinado modêlo de sociedade não é liberdade.

O que é necessário, assim me parece, é a transformação fundamental, não resultante de volição nem da ação de qualquer autoridade, mas que só vem quando compreendemos o processo total do nosso ser. Conhecer a nós mesmos, tal como somos, ver-nos tão claramente como vemos os nossos rostos num espelho, sem desfiguração, tal é o comêço da Verdade. Requer isso muito percebimento, um percebimento sem escolha nenhuma. No momento em que começamos a escolher, já estamos agindo de acôrdo com o nosso condicionamento. Mas o saberdes que estais agindo de acôrdo com o vosso condicionamento e o perceberdes a verdade a êsse respeito, isso já é o comêço daquele percebimento em que não há escolha.

Tudo isso cada um pode observar em si mesmo. Não se precisa procurar nenhum filósofo, nenhum instrutor, nem pertencer a nenhum grupo. Os vários grupos a que pertenceis, vos fazem limitados, confusos, e estão em contradição uns com os outros, criando animosidade, embora falem de fraternidade. Se uma pessoa sabe que a verdade

não pode ser achada por intermédio de ninguém, de nenhum livro, de nenhuma religião; que a Realidade só se torna existente quando a mente está de todo tranqüila; que a tranqüilidade só pode vir com o autoconhecimento, e que o autoconhecimento não lhe pode ser dado por ninguém mas tem de ser descoberto por ela própria, momento por momento — então, por certo, aparece uma tranqüilidade mental, que não é morte, mas uma paz realmente criadora, e só então pode surgir o Eterno.

22 de maio de 1954

— II —

COMO ontem dizia, parece-me importante não vos limiteis a escutar o que digo, mas que, principalmente, o **experimenteis**, porquanto esta não é uma conferência comum, que vos dará o ensejo de aprender alguma coisa. Se apenas escutais para aprender, creio ficareis desapontados; mas se escutais, com o fim de fazer descobrimentos, por vós mesmos, nesse caso obtereis resultados extraordinários. Infelizmente, quase todos nós estamos tão condicionados, nosso pensar está de tal maneira obstruido por ocultos temores e ânsias, que nos vemos incapacitados de **experimentar** real e diretamente, perdendo-se assim o significado mais profundo do que se está dizendo. As palavras têm significação limitada; elas são apenas símbolos, e parece-me importante que ultrapassemos os símbolos. Entretanto, em geral, adoramos os símbolos, e nos vemos bloqueados e impedidos porque simplesmente aceitamos certas definições verbais e ficamos vivendo dentro destas definições. Permiti-me, pois, sugerir mais uma vez que, ao mesmo tempo que escutais, ponhais o que digo em relação com vós mesmo, **experimentando-o** diretamente, ao invés de acompanhardes apenas a descrição.

Acho que enquanto o mundo estiver fracionado em tantas nacionalidades, dividido em tantas seitas, crenças e dogmas, não pode haver paz nenhuma. Só haverá paz quando o nacionalismo desaparecer, quando desaparecerem

tôdas as crenças que estão desunindo os homens; e isso só pode acontecer quando a mente está livre de todo condicionamento, quando a mente já não pensa em têrmos de América ou Rússia, quando já não pensa como comunista, socialista, capitalista, católico, protestante ou hinduista. Só podemos resolver os numerosos problemas que se nos deparam, quando a êles nos aplicamos como entes humanos, isto é, quando não estamos condicionados em nenhum desses padrões que vimos cultivando há muitas gerações. E é árduo, difícil em extremo, derribarmos as paredes, levantadas pelo espírito em tôrno de si mesmo. Desejo, pois, falar a êste respeito, examinar esta questão; e se vós, da vossa parte, me acompanhardes na viagem, não apenas seguindo o que vou dizendo, mas também percebendo, enquanto caminhamos, o verdadeiro estado da vossa mente, acho que será então muito significativo para vós escutardes estas palestras. Como ontem disse, o próprio ato de **escutar** desfaz a barreira, o condicionamento, porque o **escutar** não implica em resistência. É óbvio, não estou pedindo a vossa adesão a coisa alguma, que creiais ou aceiteis coisa alguma, mas, sim, que investigueis a vossa própria mente, a mente que funciona todos os dias; e também, se possível, investigueis o inconsciente.

É impossível estarmos cônscios do processo total do nosso ser, quando não estamos cônscios do nosso condicinamento; e se queremos sobreviver neste mundo insano e caótico, então, por certo, é imperioso que todos nós, se temos interêsse e ponderação, por pouco que seja, consideremos êste problema de libertar a mente do seu condicionamento. Não implica isso no cultivo de um condicionamento melhor, mas sim em que nos libertemos de todo e qualquer condicionamento. Cada um de nós está condicionado, pelo clima, pela alimentação e por outras influências fisiológicas. A essas coisas sabemos como

atender. Mas o condicionamento, mais profundo, da psique, o condicionamento interior, dêsse mui poucos de nós estamos cônscios, e é êle que dita, que controla e nos molda as ações.

Se queremos ter paz no mundo, não podemos mais pertencer a nenhuma nacionalidade ou religião, porque é justamente esta separação de nacionalidades, grupos, crenças religiosas, que nos está destruindo, e se não dermos a devida atenção a êste problema, êle causará sofrimentos maiores ainda. Ora, sem dúvida, se sois refletidos e derdes atenção ao problema, reconhecereis que teremos de começar por indagar se a mente pode libertar-se de todo o condicionamento. Aquêles que são pessoas importantes no mundo, que têm posição, prestígio, não desejarão naturalmente fazer nenhuma experiência neste sentido, porque é muito perigoso. Só as pessoas comuns, aquelas que não têm nem poderio nem posição e que lutam e se esforçam por compreender, são essas, talvez, as que começarão a experimentar e a descobrir por si mesmas.

Como quase todos nós estamos inconscientes do nosso condicionamento, não é essencial, antes de tudo, que nos tornemos conscios dêle? Cada um de nós está condicionado como cristão ou como membro de um outro grupo qualquer que defende certas idéias, certas crenças e dogmas, em oposição a outras crenças, idéias e dogmas. Ora, é óbvio que são justamente essas crenças e dogmas que criam inimizade entre os homens, não achais? E, se reconhecemos que as crenças geram inimizade e mantêm esta divisão entre os homens, porque nos apegamos a certas crenças e procuramos induzir outros a se ligarem ao nosso grupo?

Não é, pois, importante, perguntemos a nós mesmos se é possível à mente libertar-se de todo condicionamento? É possível não pertencermos a nenhum grupo, nenhu-

ma religião? — o que não significa ingressarmos num outro estado condicionado, tornando-nos ateístas, comunistas, etc. O libertar-se de todo condicionamento não significa procurarmos um condicionamento melhor. Acho que esta é a parte essencial da questão, porque só quando a mente não está condicionada, é ela capaz de resolver o problema do viver, como um "processo" total, e não apenas num dado nível, num segmento da existência.

Podemos, vós e eu, estar cônscios do nosso condicionamento? É possível ficarmos livres dêle? E pode qualquer ação da vontade criar essa liberdade? Compreendeis o problema? Percebo que estou condicionado como hinduísta — ou o que quer que seja — e reconheço os efeitos dêsse condicionamento nas minhas relações com outros, que são com efeito relações de resistência, criando seus problemas peculiares. Reconheço isso. E, uma vez que o reconheço, posso quebrar êsse condicionamento por um ato de vontade, dizendo de mim para mim que não devo ser condicionado, que devo pensar de modo diferente, considerar os entes humanos como um todo, etc.? Pode o condicionamento ser quebrado por qualquer ação da vontade? Afinal, que é isso que chamamos "vontade"? Que é a vontade? Não é o processo do desejo, centralizado no "eu" que quer alcançar um dado resultado?

Por favor, isto não é um discurso acadêmico. Se pudermos pensar na questão de maneira simples, descobriremos a verdadeira solução do problema; mas é muito difícil pensarmos com simplicidade, porque interiormente somos muito complexos. Temos muitas idéias, temos lido demais, já nos ensinaram muitas coisas, e no meio de tanta complexidade é muito difícil pensar de maneira direta e simples; mas vamos tentá-lo agora.

Vejo que sou condicionado, e desejo saber como quebrar êsse estado, porquanto êsse condicionamento me im-

pede de pensar com clareza. Êle impede as relações diretas com outros. Cria resistência, e a resistência cria os problemas que lhe são próprios. Percebendo, pois, todos os efeitos do condicionamento, como pode o meu espírito libertar-se do condicionamento? Compreendeis êste problema? A entidade que deseja libertar a mente do condicionamento é diversa da própria mente? Se é, então, é natural, surge o problema do esfôrço, a ação da vontade. O "eu", o pensador, a pessoa que diz: "estou condicionada e devo ser livre"; o "eu", que faz um esfôrço para ser livre, êsse "eu", essa vontade, êsse desejo, é diferente do estado condicionado? Vêde, por favor, que isto não é complicado. Não podeis deixar de fazer a vós mesmos esta pergunta, quando encarais o problema. Eu, que desejo libertar-me do condicionamento, sou diferente do condicionamento, ou as duas coisas são idênticas? Se são idênticas, como realmente são, como é então possível à mente libertar-se do condicionamento? Estais compreendendo?

Reconheço que estou condicionado como hinduista, com tôdas as conseqüências daí decorrentes: as superstições, os conhecimentos, as experiências de um hinduista. Minha mente está condicionada desta maneira. Tomemos isto para exemplo. Ora, reconheço a importância de libertar a mente dêsse condicionamento. Como fazê-lo? A liberdade vem por ação da vontade? Se desejo libertar-me do condicionamento do passado, nesse caso o "eu", que deseja libertar-se do condicionamento do passado, é diferente dêsse condicionamento; mas, êle difere, realmente do condicionamento, ou é também um resultado condicionado? E se êsse "eu", que é vontade, não é diferente, então, no seu esfôrço para quebrar o condicionamento, êle está apenas a procurar um substituto para o condicionamento anterior.

Vêde, por favor, que, como eu já disse, tem muita importância, para vós, escutar e **experimentar.** Isto talvez

seja uma coisa que nunca ouvistes dizer, e por essa razão estais perplexos, e há resistência. Mas se fôrdes capazes de ouvir sem resistência alguma, simplesmente observando a vossa própria mente em ação, então o **escutar**, em si, se torna uma experiência. Vossa mente está condicionada e, com efeito, êsse condicionamento é que está impedindo a paz, criando a guerra, a destruição, o sofrimento. A menos que dissolvais completamente o vosso condicionamento, nunca haverá a verdadeira paz, no mundo; haverá a paz dos políticos, entre duas potências imensas, o que significa terror.

Para ter paz, a mente deve estar totalmente "descondicionada". É necessário compreender isso, mas não superficialmente como uma garantia da nossa segurança e do nosso depósito no banco. A paz é um estado do espírito e não o desenvolvimento de monstruosos meios de mútua destruição, para, em seguida, manter-se a paz pelo terror. Não é essa a paz a que me refiro. Ter a verdadeira paz no mundo, é sermos capazes de viver como entes felizes, criadores, sem mêdo, sem que nossa segurança dependa de nenhum pensamento, ou maneira determinada de viver. Para ter a paz, a mente sem dúvida deve estar totalmente livre de condicionamento, quer externamente imposto, quer interiormente cultivado. E pode a vossa mente, que está condicionada — porque tôdas as mentes estão condicionadas — pode a vossa mente libertar-se dos seus próprios efeitos, dos seus próprios desejos, do seu próprio estado condicionado? O problema, por conseguinte, é êste: — Existe uma parte da mente que não esteja condicionada e possa assumir o contrôle e governar ou destruir a mente condicionada? Ou estará a mente totalmente condicionada, sempre e sempre, e portanto incapacitada de agir sôbre si mesma? Se a mente compreender que não pode atuar sôbre si mesma, não ficará ela totalmente tran-

qüila, sem fazer nenhum movimento com relação ao seu próprio condicionamento?

Para a maioria de nós isso implica estar em liberdade com relação a alguma coisa. Estar em liberdade **com relação a** uma coisa é oferecer resistência a essa coisa, e isso não é liberdade. Não estou falando da liberdade com relação a uma coisa, mas, sim do **ser livre**. Ser livre não é "tornar-se livre", ser pacífico não é "tornar-se pacífico". Não há um progresso gradual para a liberdade, para a paz. Ou somos pacíficos ou não somos pacíficos; e o que queremos averiguar é se a mente que está condicionada há séculos, há gerações e gerações, se essa mente é capaz de libertar-se. Ora, por certo, ela só pode ser livre quando não há ação da vontade, quando ela compreende que está condicionada e nenhum esfôrço faz para libertar-se do seu condicionamento. Quando a minha mente sabe que a sua maneira de pensar é oriental — o que quer que isso signifique — ao compreender isso plenamente, passará ela então a pensar pelo padrão ocidental, que é outra forma de condicionamento, ou deixará de pensar segundo qualquer padrão, sendo portanto livre para pensar?

Considero muito importante compreender êste ponto, porque aí está a parte essencial da questão, visto que a mente condicionada jamais será capaz de descobrir o que é verdadeiro, nunca será capaz de descobrir o que é Deus. Poderá ela "projetar" as suas próprias imagens, os seus próprios dogmas, as suas próprias crenças, e pensar ter encontrado Deus, mas essa ação é ainda a ação da mente limitada, condicionada. E, se vejo isso, se o percebo como um fato, será então necessária qualquer ação da minha parte? Se sei que estou cego, então o meu contato com a vida é completamente diferente, pois desenvolvo uma percepção totalmente diversa. De modo idêntico, quando sei que estou condicionado, que meu pensar é limitado, e

que a mente limitada, quaisquer que sejam as suas experiências, e por maiores que sejam os seus conhecimentos, é sempre limitada; quando percebo isso, é necessária alguma ação da minha parte, para quebrar essa limitação? A limitação não se quebra por si quando sei que a mente é limitada? Não há, por conseguinte, uma libertação instantânea, do condicionamento? Acreditamos em geral que um procedimento analítico acarretará, por fim, a libertação da mente, e assim pensamos por estarmos afeitos à idéia de "fazer esfôrço". Dizemos: preciso quebrar êste condicionamento, preciso produzir um resultado, preciso fazer algo". O próprio "eu" que age, porém, êle próprio está condicionado; o "eu" é a mente condicionada, e portanto não pode quebrar o condicionamento. Ora, quando o "eu", na sua totalidade, reconhece que não se pode quebrar o condicionamento, que tudo o que faço nesse sentido — disciplina, devoção, oração, enfim qualquer esfôrço por parte do "eu" para quebrar alguma parte de si mesmo — há de ser sempre limitado, não cessa então a atividade do "eu"? E o findar dêsse esfôrço é o findar do condicionamento.

Fazei, por favor, esta experiência. Se escutastes corretamente, vereis que a mente nada pode fazer com relação ao seu condicionamento. Pode ela perscrutar, analisar, alcançar certos resultados, mas continua limitada. Quaisquer que forem as suas "projeções", suas esperanças, suas realizações, são elas sempre o resultado de sua própria organização, seu **background**, e por conseqüência limitadas; e quando a mente percebe isso, não se verifica a imediata cessação, sem compulsão alguma, dêsse "eu" que está sempre a buscar, a investigar, a esperar, a obter, e, portanto, sempre frustrado? Isso, em verdade, é meditação, e esta, com efeito, é de todo independente de qualquer ação da vontade; é a meditação da mente, a tranqüi-

lidade. A mente que está sempre entregue ao desejo, à consecução de algum resultado, que quer saber, que quer experimentar, nunca pode ser tranqüila; e quando a mente limitada medita, quando pensa em Deus, o seu deus e a sua meditação são muito pouco significativos. Parece-me que por mais que a mente medíocre possa expandir-se, por mais que se enriqueça de saber, ela permanece medíocre, pequena, mesquinha, e seus problemas, por conseqüência, serão sempre insignificantes e insolúveis.

O importante, pois, é que se perceba bem isso, não apenas pelo ouvirdes o que estou dizendo, mas pelo verdes por vós mesmos, pela experiência direta, que a vossa mente é pequena, limitada e, sendo limitada, por mais que saiba, por mais que experimente, permanecerá limitada e portanto jamais descobrirá o que é verdadeiro, o que é real. A realidade surge tão-sòmente com a completa cessação do condicionamento, ou seja, quando a mente está livre — não **de alguma coisa,** mas **livre,** e portanto tranqüila.

Tenho aqui algumas perguntas, a que tentarei responder — ou, melhor, **não responder,** porquanto não há respostas ou soluções — só há problemas. Vêde, por favor, não estou dizendo uma coisa espirituosa ou sutil, porém uma coisa verdadeira, porque a mente que está em busca da solução de algum problema, só encontrará uma solução conforme aos seus próprios desejos. Quase todos nós temos problemas, e estamos sempre a lutar em busca de uma solução. É por isso que há igrejas e salões de conferências. Todos queremos encontrar em alguma parte uma solução, uma resposta, e é provável que a encontremos, mas essa resposta não será a coisa **real.** O que é verdadeiro é o problema. Havendo compreensão do problema, temos o desaparecimento do problema e não uma solução do problema. Prestai atenção, por favor, porque isto é

muito importante. É a mente mesquinha, a mente superficial, que busca uma solução, que quer saber o que acontece quando eu morro; tem ela uma infinidade de problemas, e só lhe interessam as soluções. Mas, para se compreender o problema, requer-se um espírito vigilante, não interessado em resultado, em fuga, em tapar o seu próprio vazio. A solução do problema, pois, se encontra no próprio problema, mas é preciso que eu saiba a maneira de me aplicar ao problema; e não posso aplicar-me corretamente ao problema, se desejo resolvê-lo, se desejo achar-lhe a solução, porque em tal caso a minha mente está concentrada na solução e não no problema. Considero muito importante compreender isso, que representa uma verdadeira revolução em nossa maneira de pensar. Criamos o problema, com nossa maneira de pensar, e depois queremos resolver o problema pelo pensar; começamos a inquirir, apelamos para os analistas, os sacerdotes, ou sabe Deus para quem mais, em busca de uma solução. Devemos, pois, saber manter-nos em presença do problema, examinando-o, sem traduzí-lo de acôrdo com os nossos desejos, de acôrdo com nossa crença, de acôrdo com nossa tradição. Foi a nossa tradição, a nossa crença, o nosso dogma, que criou o problema, e se queremos compreender o problema, temos de estar livres de tôdas estas coisas e examiná-lo corretamente.

PERGUNTA: *Sempre tentei ser sincero, com relação aos meus ideias; afirmais, porém, que êles são destrutivos. Que tendes para oferecer no lugar dêles?*

KRISHNAMURTI: Há muitas coisas implicadas neste problema: a sinceridade, os ideais, e, se não há ideais, se há algo que se possa pôr no lugar dêles. Examinemos êste problema com vagar.

Que se entende por sinceridade? Ser sincero **com relação a** alguma coisa. Se tenho um ideal, procuro viver de acôrdo com êsse ideal; e se vivo o mais possível de acôrdo com êsse ideal, que estabeleci para mim mesmo, sou considerado uma pessoa sincera. Ora, o ideal é uma criação da minha mente, na sua busca de segurança, não é verdade? Tende a bondade de seguir o que estou dizendo. Não lhe resistais. Continuareis a viver com os vossos ideais, continuareis a viver com o vosso especial padrão de ação, infelizmente, e portanto não há necessidade de resistirdes ao que digo; mas, podeis pelo menos **escutar**, para descobrir.

Tendes um ideal, porque êle vos dá confôrto. Pode ser um ideal difícil de **viver**, mas a própria luta para viverdes o vosso ideal vos dá satisfação, vos dá um sentimento de harmonia, um sentimento de bem estar, de respeitabilidade. Em essência, o ideal vos confere segurança; por isso, "projetais" os vossos ideais. Se sou violento, não gosto dêsse estado de violência e "projeto", pois, o ideal da não-violência e sigo êsse ideal.

O ideal e o cultivo dêsse ideal, dá-me segurança, dá-me um sentimento de bem-estar. Estou sendo sincero para com o meu próprio desejo, estou sendo sincero para com aquilo a que aspiro; ao homem empenhado em alcançar o que deseja, chamamos nobre.

Os ideais, pois, são destrutivos, porque, fatôres de separação; êles são a projeção dos nossos próprios desejos; acendem o conflito entre o que sou, que é a Realidade, e **o que desejo ser.** O ideal cria uma dualidade entre o que sou e o que deveria ser, e a esta luta entre o que sou e o que **deveria ser**, chamamos "viver de acôrdo com o ideal". Temos mêdo de não lutar, porque, uma vez que estamos condicionados para lutar constantemente entre o bem e o

mal, entre o ignóbil e o nobre, dizemos: "se não luto que acontecerá?" Se se nos tira o ideal, vemo-nos perdidos, e por isso o interrogante quer saber o que se pode pôr no lugar do ideal.

Para mim, o idealista é um homem que está lutando entre **o que é** e **o que deveria ser**, e que está, portanto, num estado de hipocrisia. Porque **o que deveria ser** não é. Por que dar atenção ao que **deveria ser**? Eu só posso compreender **o que é**. Se sou violento, não posso resolver o problema da minha violência, sem procurar ser não-violento? Em vez de perseguir o ideal, criando assim um conflito entre **o que é** e **o que deveria ser** — êsse conflito dos opostos, responsável por tantos problemas — não posso examinar **o que é**? Ao invés de "projetar" o oposto e criar conflito, não posso examinar aquilo que sou realmente? Mas é justamente isso que estamos sempre evitando, não é verdade? Porque, em geral, nós não desejamos saber o que somos realmente. Ou nos envergonhamos do que somos e o condenamos, ou o tememos, ou desejamos transformá-lo noutra coisa.

Assim, pois, nunca examinamos **o que é**; e antes de podermos modificar **o que é**, não é necessário que conheçamos a sua estrutura, que saibamos como é constituída, na realidade? E como podemos sabê-lo se estamos a tôdas as horas empenhados em modificá-la? Temos tanto mêdo de nos vermos despojados de tudo, vazios, sem nada possuirmos! Queremos encher o nosso vazio com alguma coisa. Se me sinto só, fujo da solidão: ligo o rádio, leio um livro, vou à igreja rezar, mergulho em atividades sociais — tudo faço para evitar a solidão; se não lhe fujo, tenho-lhe mêdo.

O mêdo, por conseguinte, nos impede de compreender **o que é**, o mêdo nos leva à prática de várias atividades, cuja função é a de nos oferecer uma fuga da realidade do

que é. Por conseguinte, não achais importante cada um de nós lance fora todos os ideais, visto que nada significam, e que procuremos ver o que se passa em nós mesmos momento por momento? E, se estamos cônscios de nós mesmos de momento em momento, sem escolher, sem condenar, sem julgar, sem nos rendermos àquilo que antes considerávamos feio, mau, ignóbil, existirá então temor? Só existe temor quando estamos fugindo. A própria ação de fugir é temor; e quando, sem fugir, somos capazes de encarar a coisa que antes condenávamos e de que fugíamos, a coisa que estamos lutando por modificar — se somos capazes de encará-la sem fazer nenhuma daquelas coisas, então, essa mesma coisa a que estamos tentando fugir, não deixará de existir?

Se examinarmos verdadeiramente esta questão, ver-se-á que, quando a mente é violenta e tem o ideal da não-violência, ela está fugindo ao estado em que se encontra, ou desejando alterar êsse estado e, portanto, está resistindo à violência. Não significa isso que a mente deva render-se à violência; mas quando a mente está livre de tôda resistência, com relação à violência, existe então o problema? Ora, o problema só existe porque a mente resiste.

Essa coisa, como já disse, tem de ser meditada, ou, melhor, **experimentada** diretamente; e, se o fizerdes, vereis que, quando a mente não tem nenhum ideal, quando não está tentando tornar-se algo, há um "estado de ser", em que não existe o tempo. Porque o tempo é o problema. A velhice, o sentimento de frustração, o mêdo de não alcançar um alvo, de não "vir a ser", de não preencher-se — tudo isso pressupõe o tempo, e isso é tudo o que sabemos; nesse estado vivemos, e funcionamos, e lutamos. Por conseguinte, o conflito entre **o que é** e o que **deveria ser** é um "processo" interminável; e quando a mente compreende isso, não há então uma liberdade de **ser**, sem "vir a ser"?

Por conseguinte, não necessitais de nenhum ideal, e considero muito importante compreender isso. Sem dúvida, esta é a verdadeira revolução, e não o "processo" de criar a antítese e depois lutar com a antítese para produzir uma síntese. Se fordes capazes de pensar em tais têrmos, não em têrmos de "vir a ser", mas de ser, o que é uma coisa extraordinàriamente sutil e dificílima de compreender — vereis então que os nossos problemas, que implicam o tempo, desaparecerão completamente. Estará então a mente livre para descobrir e compreender o que é real, e conhecer a sua bem-aventurança.

23 de maio de 1954.

— III —

COMO dizia ontem e anteontem, não creio que as idéias possam alterar fundamentalmente as nossas atividades, conquanto possam modificá-las. As idéias têm uma certa função superficial; é evidente, porém, que elas não atingem os nossos impulsos e móveis mais profundos, as coisas que realmente queremos; não operam uma transformação ou revolução radical em nossa atitude perante a vida. Assim sendo, parece-me importante compreender-se o processo total do nosso pensar, da nossa consciência, e talvez então, graças a essa compreensão, possa operar-se uma mudança, não de acôrdo com algum padrão de pensamento ou algum desejo, mas mudança do conhecido para o desconhecido.

Quando, como atualmente, nos vemos em presença de uma crise tremenda, talvez sem precedentes na história, parece-me que há necessidade de uma transformação, de uma revolução radical, mas não no sentido político ou econômico, pois não creio se possa resolver esta crise com ideais. Dentro em nós tem de nascer um processo inteiramente diverso para que se possa enfrentar esta crise, e o nascimento dêsse processo não pode ser provocado pela mente consciente.

Esta tarde desejo, na medida do possível, tratar do problema relativo a isso que estamos buscando, que andamos a procurar às apalpadelas, em nossa ânsia de compreender o movimento constante da vida. A vida, com

efeito, não tem ponto de parada, conquanto tentemos impor-lhe limites, com o nosso pensar condicionado, com a nossa peculiar educação de cristãos, católicos, protestantes, hinduístas, etc.

Acho muito importante que presteis atenção a esta palestra, não com o intuito de colherdes informações, conhecimentos, ou idéias novas, nem com o intuito de refutardes o que estou dizendo com argumentos sutis ou eruditos, porém, ao contrário, com o fim de investigardes junto comigo o processo do nosso pensar. E se, enquanto falo, pudermos acompanhar, juntos, os movimentos da nossa mente — o que com efeito é autoconhecimento — é possível então que se efetue, sem nenhuma volição, aquela transformação, aquela mudança radical. Todo ato de vontade é condicionado pela nossa experiência, pela nossa educação, pelas nossas influências sociais, e já que é condicionado, limitado, não pode produzir a transformação, por mais que o tentemos. Entretanto, é a isso que estamos habituados: a êsse esfôrço incessante, essa luta contínua da ambição, essa tentativa para mudar as coisas, operar uma reforma. Se nos aplicarmos, porém, a êste problema do viver, a esta crise extraordinária, sem a ação da vontade, talvez então consigamos estabelecer uma nova compreensão, uma nova série de valores não baseados no nacionalismo nem em religião alguma.

Para se compreender êsse estado livre da vontade, temos de compreender, de acompanhar os movimentos do nosso próprio pensar, e êsse "processo" não pode ser aprendido de nenhum livro, não depende de nenhum psicólogo, pois temos de descobrí-lo todos os dias, sempre de novo, em nossas relações com a vida. E, para isso, é mister compreendermos como a mente está sempre à procura de alguma espécie de segurança. É o que quase todos nós desejamos, não é verdade? Queremos estar em segurança, para

termos paz. Queremos estar em segurança, para podermos preencher os nossos objetivos, viver as nossas crenças, a nossa moral. Os vários esforços que fazemos para a consecução, a realização de algo, não denotam êsses esforços o desejo fundamental da nossa mente de estar protegida, a salvo de perturbações, de encontrar uma experiência ou uma forma de conhecimento que seja permanente, imutável? Alguma forma de "permanência", é o que, em geral, desejamos; é o que busca a maioria das pessoas, não é verdade? Temos êsse impulso para a busca de segurança — segurança nas relações mútuas, segurança nas coisas, na propriedade, nas pessoas; e, se não encontramos essa segurança nas pessoas ou na propriedade, voltamo-nos para os ideais, para a "projeção" de nossos anseios e desejos, e aí nos abrigamos — na idéia de Deus, ou numa crença, num dogma, numa virtude. Se examinardes com muita atenção a vossa própria mente, creio, aí encontrareis o constante desejo de segurança. Mas a paz vem com a segurança? Ou temos de encontrar primeiramente a paz, que trará a segurança? O esfôrço para ser-se alguma coisa, é uma forma de ambição, pois ambição social e "ambição espiritual" são a mesma coisa; e enquanto houver êsse esfôrço constante para se ser algo, o qual faz ressaltar a importância do "eu", não haverá paz, naturalmente. Entretanto, se observarmos as tendências do nosso pensar, do nosso investigar, das nossas crenças, encontraremos sempre êsse desejo constante de alguma espécie de permanência. E quando é perturbada essa permanência, como de fato está sempre sendo perturbada, criamos uma resistência, da qual resultam problemas sem conta.

Não é importante, pois, que averiguemos por nós mesmos, se existe tal coisa, isto é, a permanência? A mente, o "eu", está constantemente a exigir, a procurar estabelecer a permanência para si mesmo, por meio da memória, da

experiência, das relações, da chamada busca da Realidade. O impulso constante do espírito visa à permanência e, em virtude dos esforços que fazemos para manter essa permanência, desenvolvemos a vontade. A vontade é essencialmente o "eu", o "ego"; e a luta constante do "eu", seja desejando, seja negando a virtude, ou criando várias formas de experiência, para si próprio — a luta constante do "eu", objetiva a obtenção de permanência, segurança. A identificação com qualquer forma de pensamento, qualquer idéia, ou experiência, dará êsse sentimento de segurança, de permanência, sendo por isso que nos identificamos com uma nação, com um grupo de pessoas, uma religião, um conhecimento, ou experiência. Êsse constante processo de identificação com alguma coisa é tudo o que conhecemos; esta batalha constante é nossa vida, e tôda a nossa civilização, todos os nossos valores estão baseados nela.

Ora, a mim me parece que a paz não é um resultado dessa batalha. A mente que é ambiciosa, a mente identificada com qualquer grupo, nação, classe, crença, religião ou dogma, é incapaz de ter paz, porque ela está à procura de segurança e com isso acentuando, fortalecendo a vontade do "eu", o que naturalmente tem de ser um conflito perene.

Ora, para se perceber isso, não meramente como uma idéia, mas como um fato real, devemos, ao mesmo tempo em que escutamos, estar cônscios dêsse "processo" mental da busca. O que é que buscamos? Alguma espécie de preenchimento, não é verdade? Um preenchimento em que haja uma certa permanência. Há em nós êsse impulso constante para realizar, ser, alcançar e, depois de alcançar, alcançar mais ainda. E a mente que se acha numa busca constante, lutando com tôdas as fôrças para compreender, para estabelecer-se numa certa forma de permanência, essa mente pode, em algum tempo, estar em paz? E não é essencial que a mente tenha tranqüilidade completa, sem esfôrço,

para que possa manifestar-se aquela realidade criadora que chamamos Deus, ou como quiserdes?

O que quero dizer é que tôda a nossa vida é uma luta; e pode-se por meio de luta encontrar aquela coisa que chamamos o real? Afinal, é isso o que todos nós queremos: um estado permanente de bem-aventurança, felicidade — chamai-o Deus, a Verdade, ou como quiserdes. Entretanto, isso é uma coisa que não pode ser imaginada pela mente, porque a mente é resultado do tempo, e tôda "projeção" temporal, mental, é sempre limitada, sempre resultado do passado, e por conseguinte não contém nada novo, não é o real, o estado criador.

Ora, pode êsse "processo", na sua inteireza — não só a luta consciente, mas também a luta inconsciente para ser, realizar, essa ambição responsável por tôdas as devastações que o mundo tem sofrido — pode todo êsse processo terminar, de modo que a mente encontre a paz verdadeira? E só então que há possibilidade da verdadeira segurança.

Como sabeis, o que está acontecendo no mundo é que cada indivíduo se está identificando com uma nação, com um grupo, uma religião e dêsse modo criando para si próprio uma permanência artificial, uma segurança de oposição a outras nações ou outros grupos, pois cada um de nós quer estar identificado com algo maior, algo mais nobre, algo imensamente maior do que o nosso pequenino e mesquinho "eu". O Estado, a crença, a religião, oferecem uma fuga ao "eu", e com essa fuga esperamos encontrar a paz permanente. Essa permanência, porém, é o resultado do nosso desejo de estarmos seguros, em alguma espécie de identificação, e por isso há uma batalha constante entre os indivíduos, entre os grupos, as religiões e as nações.

Como ontem dizia, o que é importante, quando escutamos o que se está dizendo, é que não nos limitemos a

aceitar ou rejeitar, mas que escutemos sem julgamento de espécie alguma — o que não significa pôr-se num estado hipnótico. Escutar sem julgamento, é escutar para descobrir, isto é: **escutar** o funcionamento da nossa mente, dos nossos pensamentos, com o que êles se tornam assombrosamente separados, apartados. Quando a mente está tranqüila — mas não foi obrigada artificialmente a estar tranqüila — observa-se, aí, um sentimento de total insegurança, em que há segurança completa, devido à ausência do "eu", que vive numa batalha perene. Eis porque é tão importante o autoconhecimento, tão importante conhecermos por nós mesmos os muitos pensamentos, os muitos impulsos, as ambições, as frustrações, em cujas rêdes estamos presos, e nos mantermos cônscios de todos êles.

Os mais de nós, quando estamos cônscios de alguma coisa, o nosso percebimento consiste em julgar; condenar, escolher, aceitar ou rejeitar. Isto não é percebimento e, sim, apenas, ação da vontade sôbre o pensamento. Se sois capazes de observar, porém, de perceber sem escolha alguma, de ver, simplesmente, o que está acontecendo, vereis então como todo o processo do inconsciente, que se acha oculto, no escuro, sepultado nas profundezas, virá à superfície, por meio de sonhos, de sugestões, de várias formas de reação espontânea, e, ao surgirem, êles também podem ser observados sem nenhuma tendência para a condenação ou a justificação, sem aceitação e sem rejeição. A mente, então, não é um simples instrumento de avaliação, de análise, e essa mente, já que não é acionada pela vontade do "eu", com todos os seus condicionamentos, exigências e buscas, está realmente tranqüila. Nessa tranqüilidade, todo pensamento, tôda "resposta", tôda reação, todo movimento do "eu" é repelido — e isso

me parece importante, se desejamos resolver qualquer dos nossos problemas, na vida.

A compreensão do "eu", a compreensão de mim mesmo, não é coisa que se possa aprender imediatamente, de súbito. Mas é também errado dizer-se: "aprendê-lo-ei gradualmente" — porque não é pelo processo do tempo que chegaremos a compreender. Acreditamos que a compreensão vem como resultado de acumulação, acumulação de experiência ou de conhecimentos. A compreensão resulta do conhecimento, ou vem quando a mente não está mais com a carga do passado?

Por isso, vos digo que **experimenteis,** que penseis, enquanto falo; **experimentai** diretamente o que estou dizendo, e sabereis descobrir por vós mesmos. Tendes acaso um problema, e a mente anda muito ocupada com êle, afligindo-se, por causa dêle; mas, assim que a mente está tranqüila, não mais, por assim dizer, preocupada com o problema, surge então um sentimento de compreensão. Do mesmo modo, se pudermos compreender a mente, se pudermos estar simplesmente cônscios de todos os seus movimentos, quando viajamos num ônibus, quando conversamos à mesa, a maneira como falamos, a maneira como criticamos os outros, nossas fugas, devoções, orações — então, por meio de tôdas essas coisas nos serão reveladas as profundezas da consciência. Ora, para se descobrir aquilo que é eterno, que se acha além das fúteis "projeções" da mente, a mente tem de cessar, não artificialmente, por meio de disciplina, mas pelo percebimento do processo do pensar. Assim, a mente, embora capaz de exercitar a razão no mais alto grau, na própria razão chega ao seu fim; e só então é possível aquela paz interior que, só ela, pode pôr fim a estas guerras monstruosas e realizar a salvação do mundo.

Nós, porém, criamos a dificuldade, dizendo: "somos pessoas insignificantes, simples indivíduos comuns. Que podemos fazer?". Parece-me, todos devíamos dar graças a Deus por sermos pessoas sem poder, sem posição, sem autoridade, porque os que têm poder, posição ou autoridade não querem a paz. Querem a paz política, que é coisa de todo diferente. Mas eu acho que a paz depende de nós, os que somos muito simples, apesar de todos os nossos conflitos e misérias e tribulações; a nós é que compete principiar, por assim dizer, "no nosso próprio quintal", investigando a nós mesmos, para conhecermos as várias atividades da nossa mente e nos tornarmos, cada um de nós, um centro de paz — da verdadeira paz e não aquela paz de mentira mantida pelos exércitos e pelos govêrnos no intervalo entre duas guerras.

Sem aquela paz real nunca haverá segurança; apenas, mêdo. O mêdo é a própria natureza do "eu", porque o "eu" se vê contìnuamente ameaçado, de diferentes maneiras, principalmente nas grandes crises; e como vivemos cheios de mêdo e não encontramos outra solução, pomo-nos em fuga por caminhos diversos, ou corremos para os líderes políticos ou religiosos. Êste problema não pode ser resolvido por nenhum líder e por nenhum dogma. Não há exército, nação ou idéia que possa trazer a paz ao mundo. Quando cada um de nós for capaz de compreender a si mesmo como um processo total — não meramente o problema econômico ou o problema das massas, mas o processo integral de nós mesmos, como indivíduos — então, na compreensão dêsses processos, surgirá a paz. Só então poderá haver segurança. Se pomos, porém, em primeiro lugar a segurança, se a consideramos como coisa mais importante da vida, nesse caso nunca haverá paz; só escuridão e temor.

Como disse ontem, irei responder a algumas perguntas; mas desejo mais uma vez salientar que o importante é que se compreenda o problema, e não que se busque uma solução. Se procuro solução, estou fugindo ao problema; mas com a compreensão do problema, em si, êle desaparece. Portanto, só há problemas, e não respostas ou soluções. É a mente não amadurecida que procura soluções. Se soubermos pensar sôbre o problema, se soubermos examiná-lo — o problema da guerra, o problema das relações, ou outro qualquer — se soubermos examiná-lo e nunca tentarmos dissolvê-lo ou achar-lhe a solução, descobriremos então que a mente, ela própria, é a criadora do problema; mas isso exige uma grande dose de compreensão, penetração, discernimento e percebimento. Deveis saber que, em geral, estamos tolhidos pelas idéias e explicações; sabemos muito, e êsse saber, justamente, está impedindo a compreensão simples e direta.

Assim, pois, quando discorro sôbre um problema, não o estou resolvendo: estamos a investigá-lo todos juntos. Afinal, esta é que é a função de uma discussão. Não estais aqui a ouvir uma conferência; estamos, sim, juntos investigando como se resolve o problema, o que requer muito interêsse e atenção.

PERGUNTA: *Proporcionei ao meu filho a mais esmerada educação; no entanto, êle não parece ser feliz e capaz de encontrar o seu lugar na sociedade. Qual é a causa do seu insucesso?*

KRISHNAMURTI: Por que precisamos ajustar-nos à sociedade? **(Risos)** Não é caso para rir. Tal é o desejo de todo pai: que o filho ou a filha se ajuste à sociedade. Por que? Por que deve o filho ajustar-se à sociedade? Que so-

ciedade maravilhosa é esta que temos? Vêde por favor que não estou dizendo uma coisa superficial, que se possa varrer com uma risada. Na Índia, os pais querem que os filhos se ajustem à sociedade; aqui, é a mesma coisa; na Rússia, idem. Em tôda a parte queremos que seja mantido o atual estado de coisas e que os nossos filhos a êle se ajustem.

Que é essa coisa chamada sociedade? Pensemos a respeito dela de maneira simples, não no majestoso sentido econômico ou filosófico. Que é esta sociedade? Esta sociedade é produto da ânsia de aquisição, da ambição, da avidez, da inveja, da busca de preenchimento individual, da busca incessante de alguma espécie de permanência neste mundo impermanente. Naturalmente, nesta sociedade há também alegrias passageiras, divertimentos variados, etc. Isto, dito cruamente, em poucas palavras, é o que constitui a nossa sociedade, e a ela queremos que os nossos filhos se ajustem e nela sejam bem sucedidos. Adoramos os grandes êxitos. Nossa educação é um processo de ensinar os nossos filhos a se ajustarem, não é verdade? Ela os condiciona, para se adaptarem a um determinado padrão, ensina-lhes certas técnicas para que obtenham bons emprêgos. E no meio de tudo isso há a constante ameaça de guerra.

Eis o que é a nossa sociedade. Mas, por que educamos os nossos filhos? Para que isso? Nunca o investigamos. Qual é a finalidade da educação, se nossos filhos estão sendo destinados a matar ou a ser mortos na guerra?

Sem dúvida, é muito importante que pensemos em tudo isso de maneira totalmente nova, em vez de ficarmos a fazer reformas, isto é, a remendar aqui e ali. Não deveríamos cuidar de resolver os nossos problemas, não considerados em têrmos de América, Rússia, ou qualquer nação, mas como um todo? Não devemos abeirar-nos do

problema da existência do homem, não como americanos ou inglêses, mas do ponto de vista das relações humanas? Enquanto assim não procedermos continuaremos a ter guerras constantes e continuará a haver miséria no mundo. Há miséria, talvez não na América, mas a há na Ásia, e enquanto êste problema não for resolvido, não teremos paz aqui. E não podeis resolvê-lo como americano ou russo, como comunista ou capitalista; só podeis resolvê-lo como um ente humano.

Por favor, não desprezeis isso, como se fôsse uma coisa já ouvida milhares de vêzes. Se realmente o compreenderdes, como um indivíduo simples, estareis, então, no caminho da solução do problema. Mas se só vos preocupa ajudar o vosso filho a ser bem sucedido numa determinada sociedade, se só vos interessa um determinado problema — o qual naturalmente terá de ser resolvido mas não poderá ser resolvido sem se dar atenção ao todo — nesse caso não achareis solução alguma, e por conseguinte, tereis mais complicações e mais misérias.

Temos, pois, fundamentalmente, realmente, de dar atenção ao problema da educação. Consiste ela apenas em ensinar ao jovem uma técnica, para que tenha emprêgo? Ou se destina a criar uma atmosfera de verdadeira liberdade, não liberdade para fazermos o que entendermos, mas liberdade para cultivarmos aquela inteligência que sabe enfrentar cada experiência e cada influência condicionadora — enfrentá-la, compreendê-la e ultrapassá-la? Êsse problema requer muita percepção, muito discernimento e inteligência, por parte de cada um de nós. Como deveis saber, porém, temos tanto mêdo porque queremos estar em segurança. No momento em que buscamos a segurança, projeta-se sôbre nós a sombra do temor, e na luta para vencermos o temor, condicionamo-nos mais ainda, condicionamos a nossa mente e criamos uma socieda-

de que fatalmente há de limitar o nosso pensar. E quanto mais eficiente se torna uma sociedade, tanto mais é ela condicionada.

Dar real atenção ao problema da verdadeira educação, compreender integralmente o significado da educação, porque somos educados e para que isso serve, é uma emprêsa imensa, que não pode ser exposta em alguns minutos. Podeis ter lido ou ser capaz de ler muitos livros, podeis ter muita erudição e uma infinita variedade de explicações; mas isso, por certo, não é liberdade. Vem a liberdade com a compreensão de nós mesmos, e só a liberdade nos habilita a enfrentar sem temor tôdas as crises e tôdas as influências que condicionam; mas é necessária muita penetração e meditação.

PERGUNTA: *Como posso ter paz de espírito neste mundo agitado?*

KRISHNAMURTI: Provàvelmente, se queremos paz, é daquela qualidade que consiste numa fuga completa do mundo; e fugir é uma coisa que em geral sabemos fazer com muito êxito. Fugimos, servindo-nos do rádio, do dogma, da crença, da atividade. A completa absorção numa dada atividade, dá-nos o que pensamos ser a paz. Mas isso, por certo, não é a paz. A paz não é o oposto da agitação. Mas se, em vez de procurar a paz, eu for capaz de compreender o que causa a agitação; se for capaz de compreender qual é o processo que faz nascer a agitação em mim, nas minhas relações, nos meus valores, e portanto na sociedade — se eu puder compreender todo o processo responsável pela agitação, então, libertando-me dessa agitação, encontro a paz. Entretanto, procurar a paz, sem compreender o processo total de mim mesmo, responsável

pela agitação, daí só resulta uma ilusão. Eis porque as pessoas que meditam para terem paz, que lêem, e praticam vários exercícios, e se deixam narcotizar para terem paz, estão em verdade buscando um estado de sono.

O que traz a paz, a verdadeira tranqüilidade e serenidade da mente, é a compreensão do processo total de nós mesmos — e isso não significa buscar a paz, mas compreender o "eu", com tôdas as suas ambições, sua inveja, sua avidez, sua ânsia de aquisição, sua violência; compreender tudo isso é a função da meditação — meditação isenta de condenação, de escolha, meditação que é percebimento no mais alto grau, observação sem senso de identificação.

A paz, para a maioria de nós, é uma retirada, é entrar numa caverna cheia de escuridão, ou agarrar-nos a uma crença, um dogma, onde encontramos segurança; mas isso não é a Paz. Só vem a paz com a compreensão total de nós mesmos, que é autoconhecimento, e êsse autoconhecimento não pode ser comprado. Não precisais de nenhum livro, nenhuma igreja, nenhum sacerdote, nenhum analista. Podeis observar o processo de vós mesmos no espelho das vossas relações com vosso patrão, vossa família, vossa sociedade. Se a mente está sempre muito atenta e vigilante, sem escolha, estamos então libertados da limitação do "eu", e, por conseguinte, temos a paz, a qual traz a sua segurança própria.

24 de maio de 1954.

— IV —

COMO dizia na semana passada, estas palestras serão de todo inúteis se não soubermos **escutar**. Vejo algumas pessoas tomando notas, o que indica que não estão realmente **escutando**. Evidentemente, êstes apontamentos são feitos para serem depois meditados; acredito, porém, que se pudermos pensar, todos juntos, sôbre os nossos múltiplos problemas, enquanto aqui estamos **escutando**, isso terá muito mais valor do que o tomar notas ou comparar o que digo com aquilo que já se leu ou que já se ouviu dizer. Se vossa mente está ocupada com tomar notas ou com comparar o que ouvis com outra coisa, não estais realmente **escutando**, não achais? Não estais **experimentando** diretamente o que se está dizendo; e acho que é muito importante **experimentarmos** estas coisas diretamente. **Experimentar** diretamente o que se diz, não é compará-lo com o que se sabe. Se sabemos **escutar**, então o próprio ato de escutar, acho eu, é uma forma de libertação. Se a coisa que se está dizendo é verdadeira, e a escutamos sem comparação, sem tomar notas, sem oposição ou resistência, então essa própria ação de **escutar** tem efeito libertador, é o comêço da libertação, porquanto põe em movimento um processo de libertação da mente, das coisas com que estamos onerados.

Assim, pois, em vez de tomardes notas, de comparardes o que se está dizendo com os livros que já lêstes, ou

de o rejeitardes como "oriental", e o excluirdes da vossa mente, deixai-me sugerir-vos, escuteis com vigilante passividade, o que é uma arte deveras difícil; e talvez então tenham estas palestras verdadeira utilidade. Não estamos a discutir uma filosofia ou um sistema de idéias, mas, sim, tentando descobrir e **experimentar** o modo de libertarmos a mente da sua própria limitação, porque êste, parece-me, é o principal problema da nossa vida. Nossos pensamentos, nossas atividades, nosso saber, nossas crenças religiosas, são muito insignificantes, muito limitados. As idéias e as crenças podem ser, em si, de vital significação, nós as reduzimos, porém, às medidas da nossa mente, e uma vez que a mente — não importa de quem seja essa mente — uma vez que a mente é o centro do "eu", do "ego", ela é muito pequena e muito insignificante.

Visto estarmos sendo atacados por uma série de crises, raciais e individuais, religiosas e econômicas, acho importantíssimo sejamos capazes de enfrentar essas crises com a mente não limitada, não condicionada, não carregada de crenças religiosas, de dogmas, de conhecimentos prévios, etc; porque, como poderão ser resolvidos os problemas respectivos, por uma mente pequena, estreita, limitada? E, se alguma vez já pensamos nessas coisas, não se oferece à maioria de nós o problema de como libertar a mente da sua estreiteza, das suas limitações? Por certo, só com uma mente que esteja livre é possível atacar êsses problemas de maneira nova, compreendê-los de um modo inteiramente novo; porque todo problema, ainda que pareça velho, é sempre novo. Não há problema velho. Só a mente é velha, e por isso, quando se encontra com o problema novo, ela reduz o novo aos têrmos do velho.

É possível, então, libertarmos a mente da sua própria pequenez, o que realmente significa libertá-la de sua atividade egocêntrica de aquisição, automelhoramento, do

impulso a nos tornarmos algo que seja grande, nobre? Porque isso tudo indica um movimento do "eu", do "ego", não é verdade? E enquanto perdurar êsse movimento, êle continuará, necessàriamente, a gerar uma atividade egocêntrica. E é possível ficarmos livres desta atividade egocêntrica?

Não vos dirijo esta pergunta para com ela fazerdes um jôgo intelectual, mas, sim, para investigardes a questão, pois, parece-me ser êste o mais importante problema da nossa vida. Reduzimos a religião a meros ritos e crenças, e nossos deuses e disciplinas não nos levam à Realidade, mas tão-sòmente à respeitabilidade. Nossos deuses não têm, com efeito, significação nenhuma, e a religião se converteu num simples conjunto de crenças e rituais também sem significação. Sua influência é condicionadora, como qualquer outra influência organizada, não importa se comunista, cristã ou hinduísta. A influência do dogma, da crença, do ritual, é tirânica e limitante, porquanto ela condiciona a mente, tornando-a limitada, trivial. Estamos sendo desafiados por problemas imensos e os enfrentamos com as nossas mentes condicionadas, com o que tornamos êstes vastos problemas estúpidos e superficiais, multiplicando dêsse modo os nossos problemas.

Não é pois muito importante que investiguemos, que compreendamos realmente e **experimentemos** por nós mesmos, a maneira pela qual a mente possa ser libertada de tôdas as influências impostas pela religião? Porque a religião organizada, evidentemente, não conduz à Realidade. Só pode surgir a Realidade, quando a mente é livre, quando a mente não está condicionada. E é possível não se pertencer a nenhum grupo ou organização religiosa, nenhuma igreja, e investigar sòzinho o que é verdadeiro? Sem dúvida, a religião, tal como a conhecemos, é um "processo" de hipocrisia, Desde pequenos somos forçados

a seguir um determinado padrão de pensamento, e a mente crê, no interêsse de sua própria segurança, de sua própria proteção; mas a religião é coisa inteiramente diferente disso, não é verdade? É um estado em que pode manifestar-se a Realidade — Realidade, Verdade, Deus, ou o nome que preferirdes. Entretanto, quando a mente está condicionada, dentro do molde da crença, pode ela ser livre, alguma vez, para receber aquilo que é verdadeiro? Não é religião aquêle estado mental em que o conhecido não existe, podendo assim o desconhecido manifestar-se? Porque, afinal de contas, os nossos deuses são "autoprojeções", nossas. Criamos os nossos deuses, seguimos ideais e crenças, porque nos dão satisfação, confôrto e consolação. Mas, sem dúvida, nenhuma dessas coisas pode libertar a mente para descobrir a Realidade, e é por isso que considero muito importante que nos despojemos de todos êsses condicionamentos, não num gesto supremo, mas justamente no comêço, e investiguemos se a mente pode permanecer não corrompida.

Idênticamente, acumulamos conhecimentos, na esperança de que nossa pequenina mente será ampliada e sua superficialidade superada, mercê da acumulação cada vez maior de erudição e saber. Mas pode o saber libertar a mente da sua mesquinhez? Possuímos um vasto cabedal de saber, científico e a outros respeitos, e, contudo, nossas mentes continuam mesquinhas. Apenas utilizamos êste saber para nossos propósitos mesquinhos e para nos destruirmos mùtuamente. O saber, pois, se torna um obstáculo, em vez de ser um "processo" libertador.

Não devemos estar cônscios de tudo isso — como somos influenciados pelo ambiente exterior, pelo saber e pela chamada religião? E há possibilidade de nos libertarmos, afinal, dessas limitações e condições, dessas compulsões impostas por autodeterminação, de modo que a men-

te permaneça não corrompida e seja, portanto, capaz de enfrentar a vida de maneira nova, momento por momento? Parece-me ser isso possível, desde que estejamos cônscios de todos êstes problemas, sem lhes opormos nenhuma reação e sem nos deixarmos enredar neles. Uma crença ou um dogma, afinal de contas, é um meio de autoproteção, não é verdade? Achamos que, se não tivéssemos nenhum dogma, nenhuma crença, estaríamos perdidos; por conseguinte, o dogma, a crença, têm a função de nos proteger contra aquela solidão, contra o temor. Multiplicamos crenças e dogmas, para garantirmos a nossa segurança. Nossa busca, pois, não é da Realidade, da Verdade, mas de um meio de nos sentirmos satisfeitos e seguros. E não é importante que estejamos cônscios dêsse fato, simplesmente cônscios, sem lhe opormos reação? Não é importante percebamos como a mente está sempre em busca de sua própria segurança, na nacionalidade, nas crenças, nos ritos, e, por conseguinte, se fazendo mesquinha, estreita, limitada, e criando problemas?

O que estou a dizer é um fato, não é uma invenção, uma aberração psicológica; é realmente o que está sucedendo dentro de cada um de nós. Queremos líderes, queremos alguém que nos diga o que devemos fazer. Como temos mêdo de estar sós, corremos para alguma espécie de abrigo, de refúgio, e, dêsse modo, a mente se torna mesquinha e os seus deuses, suas contrariedades, suas disciplinas, são igualmente mesquinhos. Se percebemos isso realmente, há um desafôgo, uma libertação, sem que façamos nenhum esfôrço.

Parece-me que esta é que é a coisa importante, a única coisa importante: verificar a maneira de nos libertarmos do "ego", cujas atividades são sempre estreitas, limitadas, interesseiras. Quanto mais lutamos contra a limitação, tanto mais forte se torna a limitação; se a perce-

bemos, porém, se estamos cônscios dela, e se sabemos **escutar** o que se diz, então êsse próprio **escutar** nos porá em liberdade, de modo que poderemos olhar o problema de maneira nova — o que significa: ter a mente não corrompida.

A dificuldade existente em tudo isso é que temos mêdo das consequências de largarmos o que temos na mão, de não pertencermos a nenhuma organização, de não nos chamarmos patriotas; temos mêdo de estar sós, de não termos nenhum ponto de apôio. Mas, para achardes o que é Real, precisais estar só, não achais? O mundo evidentemente está nas rêdes da ilusão, do ódio, do mêdo, com todos os respectivos absurdos e brutalidades; e, por certo, para se descobrir o que é verdadeiro, temos de sacudir tudo isso de nós, não achais? — o que realmente significa: estar só. Entretanto, ninguém pode estar só, mediante volição, por ato da vontade. É como reconhecer uma coisa que é falsa. Quando se percebe o falso, apresenta-se aquilo que é verdadeiro. Perceber o falso não é um ato de volição, mas cria sua ação própria. Acho que esta é a coisa verdadeiramente importante, pois o de que se necessita hoje em dia, não é mais saber, não são novas crenças, do comunista ou de outra ordem, mas indivíduos que sejam capazes de compreender todo êste conflito, capazes de o perceberem com lucidez, com a mente não corrompida; indivíduos que, por essa razão, são uma luz para si mesmos. Não podeis ser luz para vós mesmos, se sois tão-sòmente um acessório da máquina social, pois isto tem muito pouca significação. Penso, a verdadeira revolução não é a revolução econômica, ou política, mas a revolução psicológica, profunda, que nos faz reconhecer o falso como falso, fazendo, assim, surgir o novo, o real, o verdadeiro.

Vou responder a algumas perguntas, mas antes de começarmos a apreciá-las, parece-me importante averiguarmos o que é um problema. Um problema só existe quando lança raizes na mente. Quando uma questão lança raizes na mente, ela se torna um problema, e a mente tem então de resolver êste problema; entretanto, como suas raizes estão na mente condicionada, o problema se torna insolúvel. E é possível não permitirmos que nenhuma questão se nos enraize no espírito, dando-se-lhe atenção direta e imediata, assim que surge? Mas não podemos atender diretamente à questão, se a condenamos, se ficamos identificados com ela, se de algum modo a julgamos, porque o nosso julgamento, a nossa condenação, a nossa comparação, é produto do nosso condicionamento e, por conseqüência, torna o problema mais forte.

O importante, pois, é que consideremos qualquer problema sem condenação, sem compará-lo com outra coisa, e isso é muito difícil porque somos criados, desde a meninice, para comparar, julgar, avaliar, e, dessa maneira, criamos a dualidade, o conflito. Mas, é possível considerarmos o problema, qualquer que êle seja, sem deixarmos que êle se enraíze em nossa mente, isto é, sem o compararmos, julgarmos, condenarmos, sem nos identificarmos com êle?

O que estou dizendo não é difícil, se observardes o "processo" do vosso próprio pensar. Tendes um problema, porque o deixastes enraizar-se e, para ficardes livre dêle, ou procurais a sua solução, ou o condenais, ou o afastais de vós, pensando noutra coisa qualquer ou a fugir dêle, o que só serve para torná-lo mais forte. Mas, se se pode examinar realmente o problema, sem tendência para condená-lo, sem tendência de identificação, então, por certo, o problema assume uma significação de todo diferente, não é exato?

Como dizíamos, o problema só existe quando aprofunda suas raizes em nossa mente; e a mente, que absorveu o problema, a mente, onde a semente do problema já criou raizes, é incapaz de o resolver, por mais que lute com êle. Para compreender o problema, a mente deve estar verdadeiramente tranqüila, e só está ela tranqüila, quando não há tendência para a condenação, a identificação ou a comparação. E quando a mente está tranqüila, pode então existir algum problema? O problema só existe porque estamos em confusão, e a confusão surge quando procuramos alguma espécie de solução para o problema, ou quando estamos seguindo algum sistema, ou "projetando" a sombra de algum dogma ou crença, ou quando estamos tolhidos pelo nosso saber. Se pudermos compreender, porém, o processo pelo qual o problema surge e deixarmos, por conseguinte, de condenar e de comparar, haverá então algum problema? É claro, não podeis responder, pois nunca **experimentastes** nenhuma destas coisas. O que estais acostumados a fazer é condenar, comparar, ou identificar-vos com o problema. E é dificílimo ficarmos livres dêsse "processo", porquanto só fomos preparados para comparar, e pensamos que pela comparação compreenderemos. Ora, por certo, a compreensão não pode vir pela comparação, pela prática de atividades de todo gênero, mas só quando a mente está muito tranqüila, não perturbada.

Temos muito mêdo de uma mente que não esteja ocupada. A mente, porém, que só está ocupada é uma mente pequena, não importa se ocupada com a mais alta ciência, ou com as atividades corriqueiras da cozinha ou do emprêgo. Essa mente é incapaz de ser livre. Como estamos sempre ocupados, quando o problema surge somos incapazes de resolvê-lo, visto não compreendermos o processo integral do nosso pensar; e como não podemos

resolver o problema, apelamos para os líderes, para os livros, para o saber, para a religião — tudo isso produto da nossa confusão e da confusão dos nossos guias.

Assim, pois, ao apreciarmos estas perguntas, não pode haver nem "sim" nem "não". Não há resposta para a vida — só há viver; nós, porém, tornamos o viver um problema. No nosso viver não há alegria, não existe a verdadeira felicidade, que vem quando estamos desacompanhados, naquela liberdade onde — e só nela — pode despontar a Realidade.

PERGUNTA: *Como se pode alcançar a paz exterior, permanente?*

KRISHNAMURTI: Pensais que a paz é uma coisa que se alcança, que se obtém, como um resultado, uma recompensa? Ou a paz nasce quando compreendemos os vários fatôres produtivos de perturbação? É como um homem que está cheio de ódio, desejar amor. Poderá êle "praticar" o amor; isso, porém, nada significa. Se compreendemos integralmente o processo do ódio e do amor, então, talvez, possa nascer o amor.

Mas, como deveis saber, a dificuldade está em que desejamos encontrar a paz, embora sejamos violentos. Queremos encontrar o amor, enquanto estamos semeando o antagonismo e o ódio. Quando há temor em nossos corações, nós, sem compreendermos êsse temor, sem compreendermos o que significa esta perturbação, fugimos dela, a fim de acharmos a paz e, por isso, existe a dualidade em nós.

O problema, pois, não é de como alcançar a paz, mas, sim, de saber o que é que nos está impedindo de com-

preender as causas geradoras da perturbação, do cáos, do sofrimento, da luta, da dôr, existentes em nós e fora de nós. Por certo, se pudermos compreendê-las, haverá paz e não teremos de procurá-la. Se buscamos a paz, estamos fugindo do **que é**. Na compreensão do **que é**, do Real, há paz.

Vêde, por favor, que isto não é uma teoria. Se realmente examinarmos êste problema do porque a mente está perturbada, e se o compreendermos, então, sem gerarmos nenhuma "ação esquizofrênica", nenhum processo dual, nenhum conflito interior, encontraremos a paz. A paz não é resultado da disciplina; a paz de espírito não se realiza por via da compulsão ou do exercício, sob qualquer forma, porque isso impõe uma limitação à mente. A mente pequena não pode ter a paz. A mente pequena, que pratica várias formas de disciplina, que procura a paz, jamais a encontrará. Poderá achar alguma espécie de consolação, de satisfação, mas isso não é a paz.

O importante, pois, é que se compreenda por que razão a mente está sujeita a ser perturbada. Que é esta perturbação? Bàsicamente, fundamentalmente, não surge ela quando existe o impulso constante para sermos alguma coisa, o desejo de resultado, o desejo de automelhoramento, o desejo de realizar uma certa ação nobre? Enquanto o indivíduo estiver sendo impelido pelo espírito de competição, pela ambição, tem de haver conflito. Sem começarmos com o que está perto, queremos chegar longe; mas só podemos ir longe, se começarmos com o que está muito perto de nós. E começar com o que está perto significa estar libertado da ambição, do desejo de ser algo, do desejo de ser bem sucedido na vida, célebre, famoso... uma dúzia de coisas, tôdas denunciando o "eu", o "ego".

Enquanto o "ego" existir, tem de haver perturbação; e se o "ego" busca a paz, a sua paz é o resultado, o oposto

de uma perturbação e, por conseguinte, não é paz, absolutamente. Se se perceber bem isso, se não ficarmos simplesmente a escutar, mas também **experimentando,** então a paz surgirá. Mas, para tanto, se requer muito percebimento, muita vigilância, uma vigilância em que não haja escolha de espécie alguma; porque, se escolheis, estais então de novo imerso no processo de adquirir, de alcançar.

O que é importante, sem dúvida, não é que se procure a paz, que se ande atrás de **swamis** e iogues, dos instrutores à moda oriental, mas que descubramos por nós mesmos como a nossa mente está funcionando e como somos ambiciosos. Podeis não ser ambicioso pessoalmente, mas podeis ser ambicioso no interêsse de um grupo, de uma nação, do partido a que pertenceis, ou de uma idéia. Tendo sido mal-sucedidos neste mundo, quereis ser bem-sucedidos noutro mundo. Assim, pois, enquanto existir qualquer movimento da parte do "eu", tem de haver perturbação, e nunca haverá paz.

PERGUNTA: *A prática da ioga será útil, espiritual e fìsicamente?*

KRISHNAMURTI: Que vontade nós temos de aperfeiçoar-nos! Acreditais que o auto-aperfeiçoamento vos trará a felicidade ou a Realidade? Podeis auferir certos benefícios da ioga, fìsicamente. Pensais, porém, que o automelhoramento — que significa que o "eu" se está tornando melhor, adquirindo mais conhecimentos, mais erudição; que o "eu" está melhorando e se tornando virtuoso — imaginais êsse processo acarretará a tranqüilidade da mente? Não há, nesse processo, a negação ou o desaparecimento do "eu", mas, ao contrário, o "eu" se está tornando uma coisa melhor, e, portanto, está êle sempre lu-

tando — uma batalha está sendo travada, dentro e fora dêle próprio. E pensais que isso trará tranqüilidade à mente? Pensais que isso é espiritual?

Que se entende pela palavra "espiritual"? Algo relativo ao espírito, algo independente do tempo, algo não fabricado pela mente, não é verdade? Ora, por certo, o Real, aquilo que é verdadeiramente espiritual, não é uma coisa construida pela mente, e portanto não pode ser por ela praticado. A mente é o resultado de muitos dias passados, de inumeráveis experiências, de conhecimentos, influências — ela é construida através do tempo. E pode a mente, que é resultado do tempo, encontrar aquilo que é atemporal e ilimitado? Podeis praticar virtude à vontade, mas isso, por certo, não é espiritual. Quando a mente, compreendendo todo o processo do "vir a ser", está inteiramente livre de tôda e qualquer forma de ambição — o que, com efeito, significa: quando a mente está tranqüila de todo e portanto não se está projetando no futuro — só então se apresenta aquilo que se pode chamar "espiritual". Mas, enquanto estivermos lutando para ser "espirituais", continuaremos vulgares, mesquinhos, e só isso — embora chamemos a coisa por um nome bonito.

PERGUNTA: *Sinto-me atraído pela vossa filosofia, mas se eu fôsse segui-la teria de desligar-me da minha igreja. Que ofereceis em troca?*

KRISHNAMURTI: Seguir outra pessoa é um mal. Escutai isso, por favor. Seguir um outro é uma coisa má, porque gera a autoridade, o temor, a imitação. E, quando seguis, nunca encontrareis outra coisa senão aquilo que quereis encontrar, ou seja, a vossa própria satisfação.

O que eu digo não é filosofia. O que tentamos fazer é, com efeito, descobrir, com nosso próprio percebimento, o processo do nosso "eu". Para descobrirmos o que é verdadeiro, temos de discernir o que é ilusório e o que é falso. Não podeis ser guiado para descobrir. Se sois guiado, não há descobrimento. Só há descobrimento quando a mente está muito tranqüila, quando não está exigindo, pedindo, quando não tem mêdo.

Temos mêdo, porém. Por isso, endeusamos os guias, por isso temos igrejas, e sacerdotes, e tôda a coleção de absurdos da moderna civilização. Sentindo mêdo, queremos fugir dêle, abrigar-nos num refúgio, e por isso pertencemos a alguma coisa.

Não vos estou pedindo que abandoneis a vossa igreja, nem que pertençais a alguma igreja. Para mim, tudo isso são atividades infantis, que nada significam. Assim como o nacionalismo separa os homens e gera guerras, assim também as religiões, as igrejas, dividem os homens e geram antagonismo. Elas não conduzem à verdade. Embora todo o mundo diga que há muitos caminhos para a Verdade, não há caminho nenhum para a Verdade. É à mente que é livre, à mente que está só, à mente não corrompida, não influenciada — é só a esta mente que a Verdade se manifesta; esta mente que, com efeito, é uma mente sem mêdo.

Por conseguinte, nada se pode oferecer a uma pessoa que quer sair de uma gaiola para entrar noutra. Não nos interessa nenhuma dessas gaiolas, mas, tão só, a compreensão de nós mesmos. Não estamos na senda da compreensão simplesmente quando estamos livres de uma determinada igreja, de uma determinada organização, nacionalidade ou crença, mas só quando somos totalmente livres, sem mêdo — e só então a mente pode receber aquilo

que é eterno, atemporal. E parece-me só essa mente pode resolver o problema atual, e não a mente que se está tornando mais religiosa — o que significa: mais entricheirada num determinado dogma — ou que está seguindo um determinado sistema de pensamento. Esta mente não é religiosa. A mente verdadeiramente religiosa é aquela que é livre e que, sendo livre, está tranqüila, serena, de modo que a Realidade pode manifestar-se. E aquela Realidade, criando sua ação própria, resolverá os problemas do mundo, que não podem ser resolvidos pela mente que está carregada de saber, ou a mente que acumula experiência, porque o saber, a experiência, é o resultado de nosso peculiar condicionamento.

Ao compreenderdes tudo isso, não só intelectualmente, verbalmente, mas **experimentando-o**, vereis então que não pertenceis mais a coisa alguma, porque sois um ente humano total, com pleno conhecimento de si mesmo; por conseguinte, nunca há perturbação, e sim só aquela paz de espírito em que a Realidade pode manifestar-se.

28 de maio de 1954.

— V —

PARECE-ME que, sem autoconhecimento, a maioria das nossas crenças e atividades têm muito pouca significação. O autoconhecimento não se aprende dos livros, e não precisamos depender de ninguém, para aprendermos a conhecer a nós mesmos; e acho, também, que êle não é um "processo" de **acumulação** de conhecimentos a respeito de nós mesmos. Os mais de nós conhecemos apenas a maneira positiva de pensar, e esta, a meu ver, é a mais baixa forma do pensar. Isto é, o mero acumular de conhecimentos a respeito de nós mesmos, e o viver de acôrdo com esses conhecimentos, só nos leva a tornar mais forte o "eu", o "ego", com tôdas as suas complicações. A forma suprema do pensar é a negativa, não achais? Sem dúvida, o pensar negativo é a mais elevada forma do pensar, e o descobrimento da maneira de pensar negativamente só é possível pelo percebimento das reações do "eu", momento por momento.

Todos sabemos **o que** pensar, isto é, fomos educados desde pequenos para julgar o que é correto, o que é incorreto, para comparar etc., sendo esta a maneira positiva de pensar. Esta maneira positiva de pensar é que fortalece a experiência, e quanto mais a desenvolvemos, tanto mais nos parece que estamos aprendendo a conhecer-nos, a compreender-nos. Quer dizer, pensamos que pelo reforçar do passado, alcançaremos a compreensão.

Não é essa a maneira como pensamos? Quanto mais capazes somos de estudar, de analisar, de acumular experiência, e quanto mais deixamos essa experiência, êsse saber, guiar a nossa atividade, tanto mais seguros e positivos nos tornamos. Esta é a nossa maneira de viver, não é? E ela não nos dá margem para descobrir, porquanto a nossa experiência nos está sempre condicionando, indicando-nos o que pensar, como ir ao encontro da vida, etc. Por isso, nunca temos oportunidade para considerar de modo negativo os problemas da nossa existência, pois, quanto mais experiência temos, tanto mais condicionada está a nossa mente, não é verdade?

Estou dizendo algo que talvez nunca tenhais ouvido dizer; e, se assim fôr, não o desprezeis, ou não o escuteis apenas para opinardes a seu respeito, pois só podeis opinar de acôrdo com vossa experiência. Escutar com o fim de descobrir a verdade relativa ao que se está dizendo, e escutar com o fim de formar uma opinião, são duas coisas inteiramente diversas, não achais? Quando faço uma declaração, o que tem importância, sem dúvida, não é ver se ela é aceitável ou utilizável, mas sim que se descubra se ela, em si, é verdadeira ou falsa; e para se perceber a verdade ou a falsidade de alguma coisa que se diz, temos de suspender todos os nossos juizos e reações, o que com efeito é um trabalho muito difícil. Eis porque é sumamente importante a maneira como escutamos. Como já tenho dito e redito, estas palestras serão de todo inúteis se quereis apenas colecionar idéias, para serem utilizadas ou meditadas posteriormente. Mas se, enquanto andamos, formos descobrindo juntos a verdade do que se está dizendo, então esta palestra, bem como as anteriores e a de amanhã, a última, terão talvez alguma significação.

Como dizia, foi-nos ensinado o que devemos pensar a respeito de Deus, da Verdade, foi-nos ensinado a ser

nacionalistas, etc. Nossas mentes são moldadas desde a infância, influenciadas por idéias, e tôda experiência que temos tem de relacionar-se com essas idéias e crenças. Por conseqüência, a experiência não liberta a mente. Tende a bondade de **escutar** isto: a experiência nunca liberta a mente, e, contudo, estamos sempre interessados na aquisição de experiência — experiência maior, mais ampla, mais significativa. E quando de fato vem-nos uma experiência inédita, sem nenhuma conexão com o passado, nós nos apoderamos dessa experiência e a guardamos na memória, o que impede o nascimento de novas experiências. Isto é, as nossas mentes estão sendo constantemente influenciadas, moldadas pela experiência passada, e por isso a mente nunca pode renovar-se, jamais ser um instrumento completamente novo. Nossas experiências passadas condicionam o futuro e o presente, o agora, porque só estamos pensando em têrmos de tempo: o que fui, o que sou, o que serei; e tôda experiência nova, todo o conhecimento humano, está baseado nesse condicionamento. Assim sendo, o saber, neste sentido, se torna empecilho à compreensão criadora.

Parece-me que a forma suprema do pensar é a negativa. O pensar negativo não é acumulação, mas constante descobrimento do que é verdadeiro, nas relações, o que significa: ver a mim mesmo, tal como sou, momento por momento. Êsse autoconhecimento não é um "processo" em que a mente está coletando conhecimentos com o fim de proceder corretamente ou de evitar a ação errônea. E o autoconhecimento é essencial, porque se ignoro o "processo" do meu próprio pensar, se não estou cônscio das minhas reações, do meu fundo (**background**), das reações, compulsões e impulsos inconscientes, então qualquer pensamento que eu tenha está condicionado pelo meu passado, e portanto não há liberdade. Não é pois impor-

tante descobrirmos **o que é**, estarmos cônscios de nós mesmos, sem processo de acumulação? Porque, do momento em que começo a acumular para compreender a mim mesmo, essa acumulação determina o meu modo de compreender o próximo descobrimento.

Andamos interessados em como melhorar a nós mesmos ou em como melhorar a sociedade; por isso tôda mudança é meramente uma continuidade modificada, não é verdade? Eu acumulo, aprendo, e faço uso do que aprendi para operar a mudança; mas o que eu aprendi depende do meu condicionamento, meu aprender é sempre determinado pelo passado, e, portanto, a experiência nunca é um fator de libertação. Se percebo isso, se percebo a verdade respectiva, estou então habilitado a continuar descobrindo, sem acumulação.

Vêde, por favor, que considero importante compreender isso. Por que é que a mente acumula conhecimentos, adquire virtude? Por que está a mente sempre lutando para se tornar algo, para tornar-se mais perfeita? Por que? E, no "processo" da aquisição, da acumulação, não se impõe uma carga à mente? Sem dúvida, tôda acumulação, para fins de autoconhecimento, é um obstáculo à continuação do descobrimento do "eu", e é essa acumulação que nos está fazendo pensar positivamente. Ora, é possível descobrir sem adquirir, de modo que cada descobrimento não deixe nenhuma experiência que vá condicionar os outros descobrimentos?

Espero que me esteja fazendo claro, pois acho muito importante esta questão. Dela depende a verdadeira liberdade, que é: estar livre do "eu" — pois quando não há mais uma entidade que acumula, encontramos o estado criador. A acumulação não é ação criadora. A mente que está constantemente a adquririr não pode, é óbvio, ser criadora, em tempo algum. Só a mente livre é criadora,

e nenhuma liberdade pode haver quando armazenamos cada experiência, porque aquilo que se acumula torna-se o centro do "eu", do "eu" que pensa positivamente. O pensar positivo é resultado da acumulação.

Deixai-me expressá-lo da seguinte maneira: talvez mais clara: em minhas relações mútuas com outro — se estou vigilante — descubro as minhas reações, observo meu próprio estado e observo como as experiências anteriores me fazem condenar ou justificar os novos descobrimentos que faço, naquelas relações. Êsses novos descobrimentos são também guardados, e no próximo instante em que estou cônscio das minhas relações com outro e percebo as minhas reações — que é o "processo" do autoconhecimento — novamente o passado determina ou traduz nos têrmos do passado o que descobri.

Por certo, o que estou dizendo não é muito complicado. Achá-lo-eis bastante simples, se o observardes. Enquanto estou acumulando, juntando, guardando, minha mente pensa em têrmos relativos ao que deve fazer e como fazê-lo, e, nessas condições, meu espírito nunca pode ser livre — pois todo o processo do meu pensar está baseado na acumulação do passado, na experiência do passado. O pensar, pois, impede novos descobrimentos. E, que é pensar? É a reação do passado, verbalizada e comunicada, sendo o passado as várias acumulações, as várias influências, os condicionamentos da mente. O pensar jamais pode resolver o problema, o pensar em tempo algum pode produzir um estado completamente novo, uma total transformação do nosso ser, pois o pensar é o resultado do passado.

Ora, é possível, o pensamento terminar? Eis o problema. Se o pensamento puder terminar cessará então tôda a acumulação e haverá, conseqüentemente, uma possibilidade do novo. Isto não é tão fantástico como parece,

como vereis, se penetrardes bem a questão. Quando pensais, o vosso pensar é, por certo, o resultado do passado, do vosso condicionamento, da vossa crença, do vosso **fundo** consciente e inconsciente. De acôrdo com vosso **fundo** reagis, e essa reação é chamada pensar; e por meio dêsse pensar quereis resolver os vossos problemas. E achais que, quanto mais adquirirdes, quanto mais acumulardes experiência, tanto maior se vos tornará a capacidade de atender ao problema e resolvê-lo.

Nessas condições, percebendo isso, surgirá inevitàvelmente, no vosso espírito, esta pergunta: pode o pensamento terminar, para que eu fique habilitado a encontrar a verdade contida no problema, em vez de traduzí-lo nos têrmos da minha experiência, ou em conformidade com o meu fundo, meu **background**? O pensar é realmente um "processo" positivo, e não um processo libertador. Somos educados, desde a infância, para sabermos o que pensar; os jornais, as revistas, tudo o que nos rodeia nos diz o que devemos pensar. Estamos acostumados a coletar, a acumular, o que realmente nos impede de compreender qualquer problema de modo total e completo. Só podemos compreender um problema completamente, quando o espírito está tranqüilo, o que só acontece quando não há mais compulsão de espécie alguma.

Se **escutastes** isto realmente, não perguntareis como pode terminar o pensamento, não direis "ensinai-me o método". O fazer esta pergunta, o desejo de método, isso, em si, é uma outra forma de acumulação. Entretanto, se perceberdes a verdade de que só com o findar do pensamento pode o problema ser resolvido, se a perceberdes sem o desejo de vos utilizardes dela, descobrireis então o significado de todo o "processo" do pensar. O pensar, com efeito, fortalece o "eu", o "eu" que é o fator de perturbações, o fator de malefícios e sofrimentos — seja iden-

tificado com uma nação ou um grupo, seja com uma religião ou uma idéia. O pensar é produto do "eu", acumulado durante séculos; por conseguinte, o pensar não nos resolverá os problemas e, sim, pelo contrário, os multiplicará e causará mais sofrimentos. Se percebemos a verdade dêste asserto; se, pelo autoconhecimento, percebemos a verdade sôbre como a mente funciona, tanto a mente consciente como a inconsciente — se estamos cônscios do "processo" total, então êsse próprio percebimento acarretará a cessação do pensamento, e, portanto, a tranqüilidade da mente.

Como sabemos, todos nós temos muitos problemas, que parecemos multiplicar. A solução de um problema produz novos problemas e, conseqüentemente, as nossas mentes estão sempre enredadas em problemas; e vivemos numa busca de soluções para êsse problema, porque, fundamentalmente, queremos fazer uso de tudo para nosso próprio benefício. Se ouvimos algo que é verdadeiro, cuja significação apreendemos, logo queremos pô-lo a nosso serviço, dizendo: "Como posso utilizar-me disto para meu melhoramento pessoal, para alcançar uma etapa mais avançada?" Estamos, assim, a aumentar constantemente os nossos problemas. Mas, se formos capazes de ver o que é verdadeiro sem tentarmos apoderar-nos dêle, utilizar-nos dêle, então essa verdade mesma operará, e nada teremos que fazer. Enquanto fizermos alguma coisa, continuaremos a criar problemas.

Escutai isso, por favor. A dificuldade está em prestarmos atenção, em darmos todo o nosso ser ao descobrir, ao compreender. E quando realmente descobrimos o que é verdadeiro, queremos utilizá-lo, quer socialmente, quer com o fim de nos fazermos felizes, tranqüilos. Mas se, ao contrário, damos nossa atenção integral, se **escutamos,** completamente, com todo o nosso ser, então êsse próprio

percebimento do que é verdadeiro, sem nos apoderarmos dêle, começará a operar, independentemente de nós.

PERGUNTA: *Neste país sempre nos sentimos em segurança, mas atualmente o nosso bem-estar espiritual e físico está ameaçando e o mêdo nos está moldando o pensar. Como dominar êste temor?*

KRISHNAMURTI: Enquanto buscardes a segurança, sob qualquer forma, tem de haver temor. **Escutai**, segui o que estou dizendo. Enquanto, como nação, como grupo, como indivíduo, desejardes estar em segurança, protegidos na vossa crença, numa idéia, em qualquer coisa, enfim, estais atraindo o temor, o temor é vossa sombra. Enquanto continuardes a ser americano, hindú, russo, comunista, católico, protestante ou o que mais seja, tem de haver temor.

Ora, nós sabemos disso, estamos profundamente cônscios dêsse fato; superficialmente, porém, criamos um sistema, que pensamos nos dará segurança: nacionalidades que separam os homens, religiões que são mero fanatismo, inimistando os homens entre si. Assim, pois, enquanto permanecermos isolados em nosso nacionalismo, em nossa crença, em nossa segurança, há de haver guerras, ódios, antagonismo, e, por conseguinte, temor.

Experimentamos alguma vez, diretamente, o que é o temor? Prestai atenção a esta pergunta: **experimentamos** alguma vez diretamente o que é o temor? Ao reconhecermos que temos mêdo, tratamos de fugir dêle. Procuramos dominar o temor, justificá-lo, condená-lo. Por diferentes maneiras evitamos o temor, e nunca o **experimentamos** diretamente.

Estais compreendendo? Qualquer forma de prazer, vós a **experimentais** diretamente e não deixais que nada a perturbe; entretanto, procurais evitar qualquer forma de desprazer. O mêdo é desagradável, e por isso nunca estais em relação direta com êle, experimentando-o diretamente. Quando aparece o temor, procurais vencê-lo, desejais descobrir alguma forma de agir contra êle. Vossa mente já está ocupada não com o direto **experimentar** do temor, mas com descobrir a maneira de dominá-lo. Já experimentastes alguma vez o temor, diretamente, sem nenhuma interpretação, sem procurardes evitá-lo, sem justificação ou condenação, de modo que estejais numa relação direta com o temor e totalmente cônscio de que tendes mêdo? Já estivestes neste estado? Evidentemente, nunca estivestes. Porque, quando uma pessoa está experimentando o temor, há então temor? Só quando evitamos o temor, fugindo a êle, é que êle existe. Enquanto a vossa mente está em busca da segurança, sob qualquer forma, física, emocional ou psicológica, há necessàriamente temor. Isto é um fato, quer vos agrade, quer não. Se pensais tão-sòmente no "padrão de vida americano", ou em melhorar os vossos próprios padrões, ter mais dinheiro, mais confôrto material, enquanto a metade da humanidade só toma uma refeição ou meia refeição por dia, tem de haver temor.

Pois bem, se sabeis que o vosso temor resulta dêsse desejo de segurança, podeis encarar êsse mêdo e vos manterdes na sua presença, completamente? **Experimentai** o que estou dizendo, e vereis que a coisa que chamamos mêdo é um "processo" em que a mente dá um nome a uma determinada qualidade, e esta denominação, justamente, reforça a qualidade.

Suponhamos que eu sou ciumento, invejoso, e que estou cônscio dêste sentimento. Meu percebimento dêle é um "processo" de dar nome e de reconhecer o senti-

mento pelo nome. Conseqüentemente, o dar nome àquêle sentimento, fortalece-o. O processo do reconhecer é um processo de fortalecimento daquilo que se reconhece. Quando dou nome ao temor, fortaleço o temor e por isso fujo dêle.

Observai, por vós mesmo, o processo do vosso próprio pensar. Quando sentirdes temor, observai-o, e vereis como o condenais, como desejais fugir dêle. Quereis modificá-lo, quereis afastá-lo de vós, desejais fazer algo contra êle, porque êle é desagradável. Entretanto, quando tendes uma coisa agradável, ficais inteiramente identificado com ela. Identificar e evitar, tal é o "processo" de dar nome, não é verdade? E quando aplicais um têrmo a um determinado sentimento, tornais mais forte êsse sentimento.

É possível à mente ficar libertada do desejo de estar em segurança e, por conseguinte, livre do temor? Estas duas coisas andam juntas, não é verdade? Não podeis libertar-vos do temor, enquanto buscais segurança. O desejo de segurança, sob qualquer forma — segurança nas relações com outro, segurança em qualquer experiência — só pode gerar temor. E, depois de gerardes o temor, quereis dominá-lo. Não se pode dominar o temor. O que se pode fazer é tão-sòmente averiguar qual o "processo" responsável pelo estado de temor, perceber a verdade respectiva, e deixá-lo de parte. Então, não tereis mais que dominar o temor. A Verdade operará. O fato de que estais com mêdo e de que não estais diretamente em relação com o fato — essa verdade, em si, é o fator que, se dêle estiverdes cônscio, libertar-vos-á a mente do temor.

Não estais aqui para aprenderdes alguma coisa de mim. Se estais aprendendo, estais a acumular e, por conseguinte, não estais descobrindo. O que estou dizendo é, em verdade, o que está acontecendo em cada um de nós. Se vós mesmo não o descobris, porém, e apenas o apren-

deis de mim, isso nenhum valor tem. Mas se, ao mesmo tempo que **escutais**, observardes o "processo" do vosso próprio pensar, então vós o descobrireis; e êsse descobrimento será, então, vosso e não meu. Não mais tereis de seguir nada, nem pessoa, nem idéia, porque sois então uma luz para vós mesmo. Não há mais o temor à autoridade, e todos os males decorrentes do seguí-la estarão acabados.

PERGUNTA: *O julgamento coercivo e a auto-incriminação prendem-nos a mente com mão firme. Uma vez que é tão poderosa a fôrça que nos impele, como poderemos libertar-nos dessas coisas? Como podemos conservar-nos diante de um problema essencial, quando nossa capacidade de resistência está minada pelos nossos temores?*

KRISHNAMURTI: Vêde, um dos nossos problemas é o desejarmos ser livres — livres do temor, livres dos nossos impulsos inelutáveis, livres do nosso **fundo**, livres do nosso condicionamento. Isto é, queremos estar libertos do sofrimento e apegados ao prazer. Observai a vossa mente. Não estais apenas escutando as minhas palavras, estais a observar o processo da vossa mente; porque eu não faço mais do que chamar a vossa atenção, para verdes como a vossa mente está operando e destruindo a liberdade.

Enquanto desejardes ser livre, não haverá liberdade. Mas, não é possível conhecermos tôdas as fôrças e influências que nos impelem, estarmos cônscios delas, sem tentarmos libertar-nos delas? Quando desejais ficar livre delas, resistis e essa própria resistência cria problemas. E, se observardes em vós mesmo, estas fôrças coercivas, observardes seu poderio e os temores que engendram,

vereis quanto é difícil estar simplesmente cônscio delas, sem as condenar, sem julgar, sem dizer: "isto é bom, isto é mau; quero guardar isto, quero abandonar aquilo" — o que, em verdade, significa: não estar cônscio. Afinal de contas, cada um de nós está sob o domínio de várias fôrças coercivas, e quando se nos chama a atenção para elas ou quando, casual ou superficialmente, nos tornamos cônscios delas, queremos libertar-nos; e êsse mesmo desejo de nos libertarmos cria uma resistência contra elas.

Nessas condições, já que sabeis que estais sob o domínio de fôrças coercivas, o que importa é que olheis bem para elas, que vos conserveis na sua presença e as compreendais; pois só podeis compreendê-las, quando não estais fugindo delas, quando não as justificais, comparando ou condenando. Se percebeis as fôrças que vos compelem e permaneceis firme onde estais, sem tentardes libertar-vos, vereis então que a coisa de que desejáveis libertar-vos desprendeu-se por si mesma de vós, sem terdes feito nenhum esfôrço para vos libertardes.

PERGUNTA: *Que é, para vós, oração e meditação?*

KRISHNAMURTI: Não importa muito saber o que essas coisas representam para mim, pois eu acho que é melhor descobrirmos a verdade no que se refere à oração e à meditação, descobrirmos o significado destas coisas. Se vos digo o que penso a respeito da oração e da meditação, isso será apenas uma opinião; e, ao que parece, muitas pessoas gostam de colecionar opiniões... Mas nós, aqui, não estamos interessados em opiniões. O que nos interessa é descobrir a Verdade com relação a estas coisas, e **não** considerá-las de acôrdo com a opinião dos católicos, dos protestantes, dos budistas, ou dos hinduistas. Isso não

traz a libertação da mente e, sim, apenas uma mudança superficial, uma "continuidade modificada".

Está entendido, pois, que não nos interessam opiniões, nem orientais, nem ocidentais, e sim, sòmente, o descobrir tudo o que está implicado na questão da oração e da meditação.

Meditação é sinônimo de oração? Vós rezais? Por que rezais? Não nos interessa saber como se deve rezar, nem qual é a melhor forma de oração, mas, sim, sòmente: Por que razão rezamos? — pois o fato é êste; partamos pois daí.

Por que rezais? Quando estais na claridade, quando sentis alegria, felicidade, rezais? Ora, esta alegria, esta felicidade, são, em si mesmas, uma forma sublimada da inteligência e do viver. Só rezamos quando nos vemos na confusão, na aflição, quando desejamos alguma coisa. Não é exato isso? A mente que está esclarecida, que está livre, desimpedida, sem problemas — para que precisa rezar? Ela já se acha num estado de incorruptibilidade. E quando não sabemos a quem devemos seguir, quando temos múltiplos problemas, quando nos vemos na aflição, irremediàvelmente perdidos, frustrados, incompletos — só então precisamos que alguém nos ajude e por conseguinte rezamos. Recitamos, repetidamente, frases, forçamos a mente a tornar-se tranqüila, porquanto o nosso próprio sofrimento nos obriga a buscar a tranqüilidade.

O impulso que nos faz rezar, por conseguinte, é o nosso desejo de dominarmos o mêdo ou a aflição, e naturalmente obtemos uma resposta. Quando pedis, recebeis, e o que recebeis depende do estado da vossa mente, depende do vosso desejo, do vosso sofrimento. Quando rezais, assumis uma dada postura, repetis certas frases, e quietais assim a mente consciente; e quando a mente

consciente está quieta, pode o inconsciente enviar uma resposta, para a solução do vosso sofrimento, do vosso problema; ou a resposta pode vir à mente consciente, não de dentro, mas de fora de vós mesmo. Mas isso, por certo, não é meditação. Meditação é tornar a mente vazia de tudo o que é conhecido. Meditação não é concentração. Qualquer um pode concentrar-se numa coisa que lhe interessa, o que é um fato bem óbvio. Absorver-nos numa determinada idéia, na repetição de uma dada palavra ou frase, ou na "projeção" de um símbolo, de um "salvador" — nada disto, certamente, é meditação. A projeção emana do **fundo** do nosso condicionamento, e viver nessa imagem não é meditação. Todavia, é isso o que quase todos nós chamamos meditação. Queremos aprender a meditar. Já se escreveram livros a êsse respeito, e o que nêles se diz da meditação, da concentração, da absorção, implica em resistência, disciplina, que só serve para fortalecer o passado, ocupando a mente e tornando-a mais limitada.

Parece-me que a meditação é coisa de todo diferente, porque a concentração numa idéia é um "processo" de exclusão, que só traz certas formas de satisfação e aprazimento. Ora, a meditação é o desvendar do que é verdadeiro, momento por momento. Prestai atenção a isto: enquanto estou praticando um método, êsse método produzirá um certo resultado; êsse resultado, porém, não será o Verdadeiro. Será um produto da mente, que deseja segurança e confôrto; por essa razão a mente nunca está vazia; está cheia, ocupada, e por isso, em tempo algum, deixará o desconhecido manifestar-se. Podeis praticar a meditação, durante anos seguidos, e tornar-vos capaz de controlar a vossa mente, de modo completo, mas que aconteceu? Que obtivestes? Vossa mente continua mesquinha, limitada, condicionada pelo passado, e, nessas condições, o desconhecido nunca pode manifestar-se.

A meditação, pois, é um processo de libertação da mente, por meio do autoconhecimento, de tôdas as coisas que ela acumulou; não ùnicamente de uma dada espécie de acumulação, que se tornou dolorosa, mas de tôda e qualquer espécie de acumulação, de tudo o que é sabido, tudo o que foi experimentado, de modo que não só a mente consciente, mas a totalidade da consciência esteja completamente vazia, livre. Só então o imensurável, aquilo que não pode ser construido pela mente, aquilo que não pode ser procurado — só então o imensurável se manifesta na existência. Mas, êle não pode manifestar-se se o chamamos, pois o nosso chamado é um mero desejo de confôrto, desejo de salvação, desejo de evitar o sofrimento.

Vossa mente, pois, está contìnuamente em luta para se tornar alguma coisa, contìnuamente desejando uma experiência maior, através da meditação. Mas a verdadeira meditação é a compreensão que vem com o autoconhecimento, e esta compreensão não é resultado de acumulação. Se temos consciência de um "experimentador" separado da experiência, a mente não está então vazia. Enquanto a mente está em busca de experiência, existirá o experimentador e portanto um impulso, uma compulsão, para expandir-nos, adquirir, acumular. Quando a mente percebe, na sua inteireza, o significado do pensar, do experimentar, só aí se oferece a possibilidade de esvaziá-la, e então a mente é, ela própria, o desconhecido, e não o "experimentador do desconhecido".

29 de maio de 1954.

— VI —

SE me é permitido repetir o que disse há dias, têm estas palestras muito pouco valor, se não **experimentamos** diretamente o que se diz. Esta **experiência** é imediata, e sôbre ela não devemos refletir ou dela nos lembrarmos, para a pormos em prática, porque a experiência direta do que é verdadeiro terá seu efeito próprio, sem nenhuma ação da mente sôbre ela. Eis porque é muito importante **escutar**, não só o que se diz, mas a tôdas as coisas da vida. Quando ouvimos uma pessoa dizer uma coisa, quando lemos, quando ouvimos os pássaros ou o som do mar agitado, é importante o **escutar**, porque no próprio escutar há uma experiência direta, não contaminada por nenhum dos nossos preconceitos, isto é, pelo nosso condicionamento pessoal. Acredito que, para a maioria de nós, o escutar é dificílimo, porque temos lido muito e costumamos justificar ou comparar o que lemos com aquilo que ouvimos dizer; ou procuramos lembrar-nos do que se disse, para refletirmos a seu respeito. A mente, nessas condições, está em agitação e por conseguinte não está **escutando.**

Quase todos nós temos numerosos problemas, e a solução dêsses problemas não se encontra quando a buscamos, mas, sim, quando **escutamos** o verdadeiro significado do problema. Estamos todos em busca da felicidade, em diferentes níveis; queremos permanência, segurança, alguém que nos leve para "o outro lado", para um estado permanente de suprema felicidade. Estamos em busca de

algo e assim é a nossa vida — um movimento constante de um objetivo para outro. Nunca estamos satisfeitos. Consciente ou inconscientemente estamos sempre a buscar, a investigar e, se examinarmos bem êste processo, veremos que o fundo desta busca é, em verdade, a ânsia de encontrarmos alguma espécie de satisfação, alguma espécie de permanência, felicidade. Fizemos da busca uma coisa tão indispensável como o respirar, o viver, e dizemos que a vida é sem significação, se nada buscamos. Por conseqüência, estamos perenemente perseguindo, procurando alguma coisa, em níveis diversos.

Enquanto estivermos nesta busca, temos de criar autoridades, temos de seguir ou de ser seguidos. E creio, êste é um dos pontos mais essenciais: se há alguém — um Salvador, um Mestre, um iluminado, não importa quem seja — que nos possa conduzir à Realidade. É isso o que procura cada um de nós, e aceitamos como inevitável a busca. Sem ela, dizemos, a vida é sem significação, mas nunca vamos além da palavra, para descobrirmos o que significa êsse impulso de busca. Disseram-vos que, se buscardes, achareis. Vossa busca, porém, se examinais o respectivo processo, é o resultado do vosso desejo de encontrar alguma espécie de **experiência**, segurança, preenchimento, bem-aventurança, uma continuidade sem frustrações. E, por isso que estais buscando, estais criando a autoridade, a autoridade que vos levará ao "outro lado", que vos guiará e confortará.

Não é importante que perguntemos a nós mesmos, se existe alguém, se existe alguma autoridade que nos possa dar aquela Verdade que nos parecerá satisfatória? E jamais indagamos qual será o estado da nossa mente, se a busca cessar de todo. A busca implica um processo de tempo, não é verdade? Servimo-nos do tempo, como um meio para compreendermos algo que está fora do tempo.

A busca implica uma continuidade, e continuidade significa tempo, uma série de experiências que esperamos nos conduzirão à Verdade; e se essas experiências não nos levam àquilo que buscamos, recorremos então a outra pessoa, abandonamos o antigo guia e escolhemos um novo guia, um novo instrutor, um novo "salvador". Por conseguinte, não pergunto se devemos abandonar a busca, visto que estamos todos entregues a ela, mas, sim, se a busca pode levar-nos à Realidade — sendo a Realidade o desconhecido, que não é produto da mente, que é um estado de criação, totalmente novo, momento por momento, que é atemporal, eterno — ou qualquer outra palavra que indique estar, ela, fora do tempo.

Parece-me importante que façamos a nós mesmos esta pergunta. Podeis não achar a resposta. Mas se, efetivamente, persistirdes na pergunta "por que busco?" — para deixardes que a própria pergunta revele o significado da vossa busca, poderá surgir um momento, um segundo, no qual a busca cessará de todo. Porque a busca implica esfôrço, não é verdade? A busca implica escolha, — a escolha dentre os muitos sistemas, métodos, disciplinas, salvadores, "mestres", **gurus**. Tendes de escolher, e a vossa escolha depende, invariàvelmente, do vosso condicionamento e da vossa satisfação. Por conseguinte, a vossa escolha é ditada, realmente, pelo vosso desejo, consciente ou inconsciente.

Tende a bondade de acompanhar o que estou dizendo — o que não significa queira eu guiar-vos o pensar, pois apenas vos chamo a atenção para o que estamos de fato fazendo. No instante em que se suspende esta luta, não há logo liberdade, um estado livre de busca? E, pois, quando examinamos o processo da busca, apresenta-se, inevitàvelmente, a questão: pode alguém guiar-nos para aquilo que chamamos a Verdade, a Realidade, Deus, etc.?

Compreendeis o problema? Estamos acostumados a ser guiados, a seguir um "salvador", um "mestre", a ter alguém que nos diga o que devemos fazer. Seguimos o que êsse alguém diz, porque êle praticou jejuns e disciplinas e se tornou um asceta; pensamos que êle alcançou a meta, encontrou o esclarecimento, e por isso corremos para êle. Tôdas as religiões preconizam que devemos acompanhar alguém que esteja esclarecido, conhecendo a verdade, porque, na presença dessa pessoa, com seu exemplo e sua conduta de vida, também encontraremos a Verdade. Mas existe alguém que nos possa guiar para a Verdade? Para mim, todo êste "processo" é destrutivo, estéril, e nunca levará ao atemporal, uma vez que o processo mesmo de buscar implica o tempo. Por meio do tempo queremos compreender aquilo que está além do tempo. E a mente que, há séculos e gerações, está entregue a êsse "processo" de busca, pode a mente **não** buscar? Isto é, pode cessar a nossa busca de satisfação? — o que não significa devamos estar satisfeitos com **o que é**.

O difícil da questão é que, quando já vamos adiantados em nossa indagação, em nossa pesquisa, chegamos a um "impasse", e aí paramos; mas essa parada é mera compulsão. Se pudermos achar uma saída do "impasse", prosseguiremos. Assim, pois, podeis, vós que me escutais, prescindir do guia, prescindir da busca, e dêsse modo compreender o processo do tempo?

Ainda que se não compreenda integralmente o significado do que digo, mesmo assim parece-me importante escutá-lo. Porque a vida, afinal, não é meramente uma série de conflitos ou uma simples questão de ganhar o sustento, viver confortàvelmente num luxuoso apartamento e gozar as coisas mundanas. Êste não é todo o conteúdo da vida; é apenas uma parte dela. E se nos satisfaz a par-

te, então, inevitàvelmente, há confusão e, daí, aflição e destruição.

A vida é um "processo" total, não é verdade? É para ser vivida em todos os níveis, completamente, e a mente que se satisfaz com viver só num dado nível da existência, está atraindo o sofrimento. Em sua estrutura, por sua própria natureza, a mente é sempre curiosa, sequiosa de saber, de descobrir se existe algo além dessa coisa que chamamos o viver, além das nossas lutas, nossos esforços, nossas tribulações, nossas alegrias e sensações passageiras. Posso descobrir, porém, o que está além, mercê da minha curiosidade, da leitura do que alguém disse, alguém que teve a **experiência** de algo que está além? Ou só pode a mente **experimentar** o que existe além, quando não está contaminada, quando totalmente só, livre de influências e, portanto, não mais empenhada em nenhuma busca? Se estais **escutando**, não ao que estou dizendo, mas ao "processo" da vossa própria mente, não surge inevitàvelmente esta pergunta: tem alguma significação esta luta para descobrir a Realidade, para descobrir algo além do transitório? Quando não encontramos satisfação numa dada direção, não nos voltamos logo para outra coisa? No Oriente está-se morrendo de fome, e por conseguinte êles se estão voltando para Deus. Êste é o processo da existência, tanto no Oriente, como no Ocidente, pois não se restringe ùnicamente ao Oriente.

É possível a cessação de tôda a busca e por conseguinte a não-dependência de qualquer espécie de compulsão, autoridade, tanto a autoridade criada pelas religiões, como a autoridade que cada um cria, na sua busca, nas suas exigências, na sua esperança? Todos queremos encontrar um estado onde não haja perturbação alguma, uma paz não "construída" pela mente, porque qualquer coisa construída pela mente pode ser desfeita. E a mim me parece que,

enquanto a mente estiver buscando, terá de criar autoridades; e quando está ela tôda entregue ao temor, à imitação, nunca mais encontrará o que é verdadeiro. Contudo, é isso o que está acontecendo no mundo inteiro. Em virtude da tirania dos govêrnos e da tirania das religiões, está-se condicionando cada criança, cada ente humano, num determinado molde de pensar, amplo ou estreito, e, é bem evidente, êsse condicionamento, seja aqui, seja na Rússia, impedirá o descobrimento do que é verdadeiro. E é possível a cada um de nós descobrir o que é verdadeiro, sem o buscarmos? Porque a busca implica o tempo, consecução de um objetivo, a busca implica o desejo de satisfação, que é o verdadeiro motor da nossa busca — o desejo de satisfação ou felicidade. Tudo isso implica o tempo, o amanhã, não só cronològicamente, mas também psicològicamente, interiormente.

E é possível **experimentar,** não pela dependência do tempo, mas imediatamente, aquêle estado em que a mente não mais está buscando? A instantaneidade é importante, e não o como alcançar o estado em que a mente não esteja mais a buscar, porquanto aí se introduzem todos os fatôres da luta, do tempo. E parece-me importante, não só ouvirdes esta pergunta, mas também a fazerdes a vós mesmos e a deixardes ficar, sem que tenteis achar uma resposta para ela. Conforme a maneira como a fizerdes e o empenho que tiverdes, encontrareis a resposta. Porque aquilo que é imensurável não pode ser apanhado por uma mente que está buscando, que está cheia de conhecimentos; só pode êle manifestar-se quando a mente já não está buscando ou tentando tornar-se algo. Quando a mente está vazia, intrìnsecamente vazia, e não desejando alguma coisa, só então, há a percepção instantânea do que é verdadeiro.

Ao apreciarmos estas questões, não estamos tentando resolver o problema; estamos fazendo juntos a viagem de exploração. Enquanto estivermos sendo limitados pela nossa experiência e pelo nosso saber, o problema nunca será resolvido. E é possível à mente examinar o problema, não em conexão com os seus conhecimentos, mas olhando-o, simplesmente, sem resistência alguma? Sem dúvida, a resistência é o problema. Não havendo resistência, não há problema algum. Mas nossa vida inteira é um processo de resistência; somos cristãos ou hinduístas, comunistas ou capitalistas, etc.; levantamos muralhas ao redor de nós mesmos, e estas muralhas criam o problema. E, então, olhamos para o problema de dentro da nossa muralha. Não pergunteis: "Como posso sair desta prisão?" No momento em que fazeis esta pergunta, criastes outro problema; e é assim que multiplicamos os nossos problemas. Não percebemos simples e claramente a verdade de que a resistência cria problemas — percebê-la sem nos apossarmos dela. Ora, sem dúvida, o que importa é que estejamos cônscios da resistência, e não o "como quebrar a resistência". E o percebimento não é nenhuma coisa extraordinária, além da realidade. Êle começa de modo muito simples: com o percebimento do que dizeis, das vossas reações — estar vendo, observando tudo isso, sem julgamento nem condenação. Isto é muito difícil, porque o nosso secular condicionamento nos impede a percepção sem escolha. Mas, percebei que estais escolhendo, que estais condenando, comparando; percebei-o, sòmente, sem dizerdes: "como posso abster-me de comparar?" — porque nesse caso criais outro problema. O importante é perceberdes que estais a comparar, que estais sempre condenando, justificando, consciente ou inconscientemente; percebei, simplesmente, todo êsse processo. Direis: "só isso?" — fazeis tal pergunta porque esperais que pelo percebimento chegareis a alguma parte. Vosso percebimen-

to, por conseguinte, não é percebimento, mas um "processo" por meio do qual quereis obter alguma coisa, — o que significa que êsse percebimento é apenas uma moeda de que vos estais servindo. Se puderdes, simplesmente, estar cônscio de que vos servis do percebimento, como uma moeda, para comprar alguma coisa, e prosseguirdes dêste ponto de partida, começareis então a descobrir todo o "processo" do vosso pensar, do vosso ser, nas relações da existência.

PERGUNTA: *Dissestes que as nacionalidades, as crenças, os dogmas são fatôres de desunião. A família é também uma fôrça separativa?*

KRISHNAMURTI: Se há qualquer forma de identificação com a família, com um grupo nacional, com um dogma, uma crença, então, evidentemente, isso constitui uma fôrça separativa. Se me identifico com a Índia, com seu passado, sua religião, seus dogmas, sua nacionalidade, estou, sem dúvida nenhuma, erguendo uma muralha ao redor de mim mesmo, pela identificação com aquilo que considero ser maior do que eu.

A questão, por certo, não é se a família ou o grupo é uma fôrça separativa, mas sim: por que a mente se identifica com uma coisa e cria, dêsse modo, a divisão? Por que me identifico com a Índia? É porque, se não me identifico com a Índia, com a América, com o Oriente ou o Ocidente ou o que quer que seja, estou perdido, estou só, abandonado. Êste mêdo de ficar só, impele-me à identificação com minha família, minha propriedade, uma casa, uma crença. Isto é que está causando a separação, e não a família. Se não me identifico com algo, que sou eu? Ninguém. Se digo, porém, que sou hindú, possuidor da

sabedoria oriental, e outras bobagens que tais, sou **alguém**. Se me identifico com a América ou a Rússia, isso me confere prestígio, faz-me sentir-me um indivíduo prestável, importante na vida — pois não quero ser **ninguém**, não quero viver no anonimato; posso levar um rótulo, mas o rótulo deve dar-me importância. Repugna-me ser ninguém, não estar com o meu "eu" identificado com algo que considero maior: Deus, a Verdade, a pátria, a família, a ideologia.

Êsse processo de identificação é que é separativo, destrutivo. **Escutai** isto, por favor. É vosso problema, pois o mundo atualmente está sendo dividido em duas correntes ideológicas de identificação, que aumentam a fôrça separativa. Somos entes humanos, e não hindús, ou americanos, ou russos; e é possível viver sem identificação — ser **nada**, neste mundo em que todos lutam por ser alguém? Certamente, é possível. Vossa luta para serdes alguém, está acarretando sofrimentos e guerras — e em tudo isso está implicada a busca de poder; e quando aspirais ao poder, como indivíduo, como grupo ou como nação, estais provocando a vossa própria destruição. Isto é um fato.

Podemos — vós e eu — permanecer sós, interiormente, sem buscarmos o poder, sem nos identificarmos com coisa alguma — o que com efeito significa: não ter mêdo? Encontrareis a resposta por vós mesmos, se examinardes bem o problema.

PERGUNTA: *Por que negais o valor e a integridade dos Santos, de tôdas as épocas, inclusive o Cristo e o Buda?*

KRISHNAMURTI: Esta pergunta suscita uma questão muito interessante. Por que precisais de santos? Por

que precisais de heróis? Por que precisais de exemplos? Por que uma igreja canoniza uma certa pessoa, essa pessoa fica sendo santo? E qual é a vossa medida de um santo? Vossa medida será de acôrdo com os vossos desejos, esperanças e condicionamentos. Entretanto, como sabeis, a mente quer estar apegada a alguém, a algo que a exceda. Precisais de líderes, de santos, de exemplos, para seguirdes, para imitardes, porque em vós mesmos sois pobres, insuficientes. Portanto, dizeis: "se eu puder seguir alguém, isso me enriquecerá". Jamais sereis enriquecidos; ao contrário, ficareis mais pobres; porque é só quando a mente, quando todo o vosso ser está vazio, e nada buscando, só então surge a Realidade criadora.

Não sois obrigados a crer o que estou dizendo. Vossos santos e vossos guias não vos levaram a parte alguma. Só tendes guerras, tribulações, lutas, uma batalha contínua, dentro e fora de vós. Mas, se puderdes ver aquilo que sois — que sois interiormente pobres, que estais numa rêde de lutas e tribulações — se puderdes perceber isso, sem tentardes transformá-lo em coisa diferente, o que é apenas modificá-lo; se puderdes conservar-vos na presença do **que é,** sem nenhum desejo de transformá-lo — há, então, transformação. Todavia, enquanto a mente estiver tentando imitar, ajustar, medir com suas idéias, preconcebidas quem é santo e quem não o é, então está ela interessada apenas no seu próprio preenchimento, que é uma coisa vã.

Pergunta: *Sou um jovem, sem religião alguma. Não considero como autoridade nenhum sistema de govêrno. Falta-me ambição e não tenho emprêgo, nem posso manter-me muito tempo num emprêgo, porque não sou ambicioso. Causo desgostos à família, porque de-*

pendo financeiramente dos meus pais, e êles não são abastados, para me manter. Como poderíamos apreciar êste problema?

KRISHNAMURTI: Viveis numa sociedade cuja estrutura e cuja moral, embora se afirme o contrário, estão baseadas na ganância, na inveja. O não ajustamento a esta sociedade implica: ou que sois totalmente isento de ambição e por conseguinte não sois ganancioso; ou que mentalmente há algum desarranjo — pois, ser sem ambição é dificílimo. Posso não ser ambicioso no sentido mundano, mas posso estar à procura de uma outra coisa: ser feliz, preencher-me nos meus filhos, na minha atividade, etc.. Assim sendo, muito raro é encontrar-se alguém que não seja ambicioso, que não esteja em competição, em luta. É relativamente fácil, porém, ser preguiçoso... Por favor, não riais; não interpreteis falsamente o que ouvistes, de acôrdo com vosso peculiar modo de pensar. Se um homem não é ambicioso, embora viva num mundo cheio de ambição, onde cada indivíduo, cada grupo, cada nação, está em busca de poder, posição, prestígio, então é muito importante descobrir por que razão não se é ambicioso, não achais? Isso pode ser doença; pode ser uma debilidade mental. Ou, pode ser que impusestes a vós mesmo a condição de não ser ambicioso.

Compreender todo o problema da ambição ou da luta, e descobrir o que realmente significa viver numa sociedade cheia de competição, sem se lutar para ser alguém, é uma coisa muito difícil; porque se somos infelizes neste mundo, ambicionamos ser felizes no outro, sentar-nos à direita de Deus-Padre. Para se não procurar alguma forma de preenchimento, é preciso muita compreensão, porque cada um de nós está em busca do preenchimento; e quando procuramos o preenchimento, encontramos sempre a

frustração. Talvez estejais antecipadamente cônscio dessa frustração e, provàvelmente por isso, procurais evitar tôdas as formas de ambição, todo desejo de preenchimento, — mas isso significa que estais aprisionado na vossa própria conclusão. Mas, por outro lado, compreender o processo do preenchimento; investigá-lo completamente; perceber que somos aguilhoados, incitados, compelidos, pela ambição de preenchimento, de onde resulta frustração e sofrimento; indagar se existe preenchimento — tudo isso, por certo, exige autoconhecimento.

PERGUNTA: *Se pudessemos ter a experiência da imortalidade, haveria o mêdo à morte?*

KRISHNAMURTI: É possível à mente, a vós, ter a **experiência** de algo que não é mortal, que não é criado pela mente, que não pertence ao tempo? É claro que se pudéssemos **experimentar** tal coisa, não haveria o mêdo à morte. Mas, é possível experimentá-la? É possível à mente que tem mêdo, à mente que só funciona na esfera do tempo — é-lhe possível experimentar aquilo que está fora do tempo? Talvez, por meio de vários artifícios, vos sejá possível **experimentar** alguma coisa, mas essa coisa estará ainda na esfera do tempo.

Deixemos de parte, por ora, a questão relativa ao que é imortal, visto não sabermos o que é isso. Mas, nós conhecemos o mêdo à morte, à velhice, ao declínio, — êste nos é bastante familiar. Tomemo-lo pois para exame, para investigação, em vez de perguntarmos se podemos ficar livres do mêdo pela experiência da imortalidade. Tal pergunta tem muito pouca significação.

Temos mêdo da morte, o que significa que temos mêdo de findar. Tôdas as coisas que adquirimos, nossos co-

nhecimentos, nossas relações, nossas afeições, as virtudes que cultivamos — temos mêdo que tudo isso acabe. Tendes porventura uma esperança, a crença numa futura ressurreição, mas o mêdo continua presente, porquanto o futuro é incerto. Conquanto vossas religiões, vossos sacerdotes, vossas esperanças vos digam que há uma continuidade sob tal ou qual forma, continuais sempre na incerteza. Não desejais morrer. Tal é o fato. Há, pois, compreensão do temor em relação com a morte?

É-nos possível morrer enquanto vivos? Escutai bem. Se eu não estou acumulando, se não estou vivendo no futuro, no amanhã, se encontro contentamento no enlêvo cheio de riquezas de um só momento, não há então continuidade nenhuma. A continuidade pressupõe o tempo: eu fui, eu sou, eu serei. Se tenho a certeza de que "serei", não sinto mêdo; mas, êsse "serei" é muito incerto, e por essa razão busco a imortalidade, uma confirmação de que continuarei a existir.

Na continuidade pode haver transformação? Pode alguma coisa que continua no tempo achar-se num estado de completa revolução? Pode uma continuidade conter algo novo? E não é importante, interiormente, morrermos todos os dias, não teòricamente, mas realmente — não acumulando, não deixando nenhuma experiência enraizar-se em nós, não pensando no amanhã, psicològicamente?

Enquanto estivermos pensando em têrmos de relação com o tempo, é inevitável o mêdo da morte. Aprendi muito mas não descobri a Realidade final, e tenho de achá-la antes de morrer; ou, se a não achar antes de morrer, espero encontrá-la na próxima vida, etc.. Todo o nosso pensar se baseia no tempo. Nosso pensar é o "conhecido", é produto do conhecido, e o conhecido é o "processo do tempo"; e com essa mente tentamos descobrir o que é ser imortal, ser eterno — o que afinal é uma busca vã, sem

significação, a não ser para os filósofos, os teóricos e especuladores. Se desejo encontrar a Verdade, não amanhã, mas realmente, diretamente, eu — o "ego" que está sempre a acumular, lutando e se atribuindo uma continuidade através da memória — não devo sustar a minha continuidade? Não é possível morrermos enquanto vivos — não artificialmente, pela perda da memória, que é amnésia, mas sustando tôda a acumulação por meio da memória e cessando assim de dar continuidade ao "eu"? Conquanto vivendo neste mundo, que é do tempo, não é possível à mente produzir, sem nenhuma compulsão, um estado em que não haja base alguma para o "experimentador e a experiência"? Porque, enquanto existir o "experimentador", o observador, o pensador, tem de haver o mêdo de findar, e portanto o mêdo da morte. Enquanto estou em busca de mais experiência, reforçando a minha própria continuidade, por meio da família, da propriedade, da nação, de idéias, ou de qualquer forma de identificação, tem de haver o temor do findar.

Assim, pois, se for possível à mente conhecer tudo isso, estar plenamente cônscia do fato e não dizer, meramente: "sim, é simples"; se a mente puder estar cônscia do processo total da consciência, perceber o inteiro significado da continuidade e do tempo, e a futilidade desta busca através do tempo, visando ao que está além do tempo — se ela puder estar cônscia de tudo isso, é possível haver então uma morte que é realmente um foco de criação, totalmente fora do tempo.

30 de maio de 1954.

FIM

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS

VIVER SEM TEMOR

SE uma pessoa sabe que a verdade não pode ser achada por intermedio de ninguém, de nenhum livro, de nenhuma religião; que a Realidade só se torna existente quando a mente está de todo tranqüila; que a tranqüilidade só pode vir com o autoconhecimento, e que o autoconhecimento não lhe pode ser dado por ninguém mas tem de ser descoberto por ela própria, momento por momento — então, por certo, aparece uma tranqüilidade mental, que não é morte, mas uma paz realmente criadora, e só então pode surgir o Eterno.

SE a mente está em busca de uma segurança qualquer, oferecida por um lider, uma determinada maneira de viver, uma determinada nacionalidade ou grupo, essa mente só pode criar confusão no mundo, e mais sofrimento, conforme se está vendo na hora atual. Importa, pois, cada um de nós descubra, por si mesmo, **o que é**, mediante o abandono da autoridade, o que é extremamente difícil; e a percepção do **que é**, o descobrimento do **que é**, será o processo libertador. Como sabeis, porém, quase todos nós temos mêdo de ficar desprotegidos, completamente sós, e por isso cada um se esquiva a ser um ente emancipado, capaz de descobrir as coisas por si mesmo.

J. KRISHNAMURTI

VIVER SEM TEMOR

O MÊDO é a própria natureza do "eu", porque o "eu" se vê continuamente ameaçado, de diferentes maneiras, principalmente nas grandes crises; e como vivemos cheios de mêdo e não encontramos outra solução, pomo-nos em fuga por caminhos diversos, ou corremos para os lideres políticos ou religiosos. Êste problema não pode ser resolvido por nenhum lider e por nenhum dogma. Não há exercito, nação ou idéia que possa trazer a paz ao mundo. Quando cada um de nós for capaz de compreender a si mesmo como um processo total — não meramente o problema econômico ou o problema das massas, mas o processo integral de nós mesmos, como indivíduos — então, na compreensão dêsses processos, surgirá a paz. Só então poderá haver segurança. Se pomos, porém, em primeiro lugar a segurança, se a consideramos como coisa mais importante da vida, nesse caso nunca haverá paz; só escuridão e temor.

SE puderdes, simplesmente, estar cônscio de que vos servis do percebimento, como uma moeda, para comprar alguma coisa, e prosseguirdes dêste ponto de partida, começareis então a descobrir todo o processo do vosso pensar, do vosso ser, nas relações da existência.

J. KRISHNAMURTI